

SEBASTIAN BRANT

# A NAU DOS INSENSATOS

Tradução

Karin Volobuef

1ª edição

OCTAVO



AVO

São Paulo 2010

*A nau dos insensatos*  
Sebastian Brant

*Ilustrações*  
Arnboudas a Albrecht Dürer

Copyright © 2010 Editora Octavo Ltda.

Título original: *Das Narrenschiff*

*Tradução*  
Karin Volobuef

*Capa*  
João Baptista da Costa Aguiar

*Projeto gráfico e editoração eletrônica*  
Oficina das Letras, Ida Gouveia

*Revisão*  
Rosana de Angelo

Gratita atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Brant, Sebastian, 1458-1521

A nau dos insensatos / Sebastian Brant ; tradução Karin Volobuef. – 1. ed.  
– São Paulo : Octavo, 2010.

Título original: *Das Narrenschiff*.

ISBN 978-85-63739-00-1

1. Prosa alemã I. Título.

10-06917

CDD-831

Índices para catálogo sistemático: 1. Prosa : Literatura alemã 831

2010

Todos os direitos desta edição reservados a:

EDITORA OCTAVO Ltda.  
Rua dos Franceses, 117  
02329-010 São Paulo SP  
Telefone (11) 3262 3996  
www.octavo.com.br

## SUMÁRIO

Introdução – Karin Volobuef .....	13
O autor .....	16
A tradução .....	17
Prólogo à <i>Nau dos Insensatos</i> .....	21
Dos livros inúteis .....	27
Dos bons conselhos .....	29
Da cobiça .....	31
Das novas modas .....	33
Dos insensatos velhos .....	35
Da educação adequada .....	37
Dos que causam a discórdia .....	41
Não seguir conselhos .....	43
Dos maus costumes .....	45
Da verdadeira amizade .....	47
Desprezo pela Sagrada Escritura .....	49
Do néscio imprudente .....	51
Dos arroubos amorosos .....	53
Da insolência contra Deus .....	59
Dos planos disparatados .....	61

Da gula e vida desenfreada.....	63
Da riqueza inútil.....	67
Do serviço para dois senhores.....	69
Do falatório exagerado.....	71
De tesouros encontrados.....	75
Da deprecição alheia e do fazer próprio.....	77
A doutrina da sabedoria.....	79
A excessiva confiança na sorte.....	81
Da preocupação em demasia.....	83
O tomar emprestado.....	85
Os desejos desnecessários.....	87
O estudo desnecessário.....	91
A palavra contra Deus.....	93
Da soberba.....	95
Das muitas prebendas.....	97
Do adiamento.....	99
Da vigilância das mulheres.....	101
Do adultério.....	103
Dos néscios incorrigíveis.....	107
Do encolerizar-se facilmente.....	109
Da obstinação.....	111
Do revés da sorte.....	113
Dos enfermos insubordinados.....	115
Das intenções declaradas.....	119

Em companhia de néscios.....	121
Não dar atenção a todas as conversas.....	123
Das zombarias.....	125
Desprezo pela alegria eterna.....	127
Algarazarra na igreja.....	129
Da desgraça voluntária.....	131
Dos néscios no poder.....	133
Do caminho da salvação.....	137
Uma nau com companheiros de guilda.....	139
O mau exemplo dos pais.....	143
Dos prazeres terrenos.....	145
Ocultar segredos.....	147
Casamento por dinheiro.....	149
Da inveja e ódio.....	151
Não aceitar críticas.....	155
Da medicina inepta.....	157
Do fim do poder.....	159
Da providência divina.....	163
Esquecer de si mesmo.....	167
Da ingratidão.....	169
Da presunção.....	171
Da dança.....	173
Da serenata noturna.....	175
Dos mendigos.....	177

Das mulheres maldosas .....	181
Da observação das estrelas .....	185
Da exploração de todas as terras .....	189
Não querer ser insensato .....	195
Levar as brincadeiras a mal .....	199
Querer praticar o mal sem sofrer consequências .....	201
Não ser previdente .....	203
Brigar e levar querelas ao tribunal .....	205
Dos insensatos grosseiros .....	207
Entrar para o clero .....	211
Das caças inúteis .....	215
Dos maus atradores .....	217
Das grandes bazófilas .....	221
Dos jogadores .....	225
Dos insensatos coagidos .....	229
Bandoleiros e amannenses .....	231
Das mensagens disparatadas .....	233
De cozinheiros e adegueros .....	235
Da ostentação dos camponeses .....	239
Do desprezo pela pobreza .....	243
Da perseverança no bem .....	247
Não prever a morte .....	249
Do desprezo de Deus .....	255
Das blasfêmias contra Deus .....	259

Das pragas e castigos de Deus .....	261
Da troca insensata .....	263
Honrar pai e mãe .....	265
Da tagarelice no coro .....	269
Arrogância e vaidade .....	273
Usura e especulação .....	277
Da expectativa de receber heranças .....	279
Do desrespeito aos feriados .....	281
Presentear e arrepende-se .....	285
Da indolência e preguiça .....	287
De insensatos estrangeiros .....	289
Do declínio da fé .....	291
Escovar o cavalo amarelo .....	297
Do cochicho ao ouvido .....	301
Da falsificação e do logro .....	303
Do Anticristo .....	307
Calar a verdade .....	311
Dos obstáculos ao bem .....	315
Do esquecimento das boas obras .....	319
Da recompensa da sabedoria .....	321
A nau da Cocanha .....	325
Do desdém pelo infortúnio .....	331
A difamação do bom .....	333
Desculpa do poeta .....	335

O homem sábio .....	339
Final de <i>A nau dos insensatos</i> .....	341
ANEXO	
Dos maus hábitos à mesa .....	343
Dos insensatos no carnaval .....	348
Protesto .....	351

## INTRODUÇÃO

KARIN VOLOBUEF

### A NAU DOS INSENSATOS

**A** nau dos insensatos (1494), de Sebastian Brant (1457-1521), foi escrito como longo poema satírico, de perspectiva moralizante, em que o autor aponta com dedo crítico e irônico para a sociedade de seu tempo, denunciando as falhas e vícios tanto da nobreza quanto do vulgo, não poupando Igreja, Justiça, universidades e outras instituições. Em 112 capítulos,<sup>1</sup> cada qual dedicado a um tipo de insensato ou louco, Brant censura os excessos e o desleixo, a avidez por dinheiro e a falta de escrupulos, a perda da fé e o desinteresse pelo cultivo do intelecto. Em contraste com os sábios e prudentes, os insensatos desfilam pelas páginas do texto deixando evidente sua arrogância, grosseria, levianidade, indolência, gula, mentira, violência... Enfim, sua falta de juízo e ponderação.

Com isso, o texto revela-nos um panorama vívido dos costumes do final do séc. XV: os sequestros noturnos sendo alugentados da janela com o conteúdo dos pirricos; a falsificação de dinheiro e a adulteração do vinho; o mensageiro ébrio que não consegue recordar a notícia que deveria transmitir; os exageros e o desconforto da moda mais recente; os

1. Os 112 capítulos da edição de 1494 foram mais tarde complementados com dois capítulos adicionais na edição de 1495, e com um "Protesto" na de 1499, em que o autor se digladiava com as edições pirateadas de sua obra. Esses capítulos adicionais encontram-se no Anexo.

fiéis trazendo para dentro da igreja seus cães perdigueiros e gaviões de caçar; a mania de falar impropérios e lançar maldições. Para Brant, são tolos os pais que não reprimem os filhos quando necessário, assim como os filhos que não respeitam seus pais. Igualmente é um néscio o homem que não se prepara espiritualmente para a morte ou que não se preocupa com a salvação de sua alma. Imprudente é tanto aquele que fica à espera de receber heranças, como o outro, que apaga o incêndio do vizinho enquanto sua própria casa é tomada pelo fogo. Quem compra fiado é tão parvo quanto aquele que assume vários cargos ao mesmo tempo.

Brant, porém, inclui a si próprio na ciranda dos néscios: com isso, não apenas assume uma postura autocrítica, como incorpora algo da figura do bobo da Corte, que tem liberdade para falar as mais ousadas verdades sobre todos, doa a quem doer. Com audácia e franqueza – as quais tempera com refinada erudição –, Brant passa da religião à ciência, da vida cotidiana ao arsenal da cultura greco-romana, da retórica à política. Suas palavrões vibram de indignação, mas também estão repletas de bom humor.

A eloquência desse amplo e diversificado panorama é reforçada pelas ilustrações que acompanham cada capítulo. O grande pintor e gravurista Albrecht Dürer (1471-1528), expoente do Renascimento alemão, é considerado o autor de talvez três quartos das imagens. Fora ele, outros dois ou três artistas produziram as demais ilustrações.

*A nau dos insensatos* obteve sucesso imenso junto aos leitores! Apesar de publicado quando o livro impresso ainda era uma invenção relativamente recente (a imprensa de Gutenberg é de 1440), havendo poucos livros e de preço muito alto, o texto de Brant ganhou imediata notoriedade. Em vinte e sete anos, até a morte do autor, o livro, em alemão, foi editado quinze vezes.

E quem não leu *A nau dos insensatos* deve tê-lo ouvido dos pregadores nos púlpitos. Um exemplo disso é o orador Johann Geiler von Kaysersberg, que em 1498/1499 usou o texto em um ciclo de 100 prédicas. Outro contemporâneo de Brant,

Jacob Wimpfeling, chegou a propor que o livro fosse adotado como leitura obrigatória nas escolas.

Logo surgiram traduções para várias línguas – em uma época na qual a tradução ainda não era prática corrente. Em 1497 foi publicada uma tradução para o latim com o título *Stultifera navis*, feita por de Jakob Locher (Philomusus), ex-aluno de Brant. Esta versão serviu de base para as traduções para o francês por Pierre Rivière (1497), Jean Drouyn (1498) e autor anônimo (1499); para o holandês por Hans van Ghetelen (1497) e Guy Marchant (1500); para o inglês por Alexander Barclay e Henry Watson (ambas de 1509). Aliás, o livro de Brant foi a primeira obra da literatura alemã a ser vertida para o inglês!

O impacto de *A nau dos insensatos* inaugurou uma nova e fecunda vertente: a literatura dos néscios ou loucos. Integramdo essa vertente estão obras e criações como: *O elogio da loucura* (1511), de Erasmo; *Rei Lear* (aprox. 1606), de Shakespeare; *O acerturoso Simplicíssimo* (1667), de Grimmelshausen; certas figuras da *Commedia dell'arte*; *Leonce e Lena* (post. 1842), de Georg Büchner; *Ship of Fools* [*Nau dos insensatos*] (1962), de Katherine Anne Porter.

No âmbito da literatura em língua portuguesa destaca-se *O auto da barca do inferno*<sup>2</sup> (encenada em 1517), em que Gil Vicente promove igualmente uma análise severa da sociedade do séc. XVI: fidalgo, onzeneiro, parvo, sapateiro, frade, alcoviteira, judeu, corregedor, procurador, enforcado e quatro cavaleiros procuram ser aceitos pelo Anjo na Barca da Glória. Nela, porém, só entram os quatro cavaleiros, que morreram por Cristo, enquanto os demais (exceto o parvo) são levados pelo Diabo à Barca do Inferno.

Tanto Gil Vicente quanto Brant condenam com severidade o apego aos bens e a busca contumaz dos prazeres do mundo, ridicularizando as várias castas sociais e os defeitos humanos. Em Gil Vicente, o parvo é figura simples e autên-

2. A peça integra a "trilogia das barcas": *O auto da barca do inferno*, *O auto da barca do purgatório* e *O auto da barca da glória*.

tica, cujos erros (conforme expresso pelo Anjo) não merecem a danação porque não nasceram da malícia. Brant, tampouco, condena os insensatos devido a sua mera insensatez: para ele, estão destinados ao fogo do inferno aqueles que, tendo sido advertidos (conforme é o objetivo de *A nau dos insensatos*), insistem na sua tolice ao invés de buscarem o caminho da verdade e sabedoria – a ser encontrado apenas na palavra de Deus.

#### O AUTOR

Sebastian Brant nasceu em 1457 na cidade de Estrasburgo, que na época fazia parte do Império Romano-Germânico. Em 1475 iniciou o estudo de Direito e Línguas Clássicas na Universidade da Basileia, onde se formou como bacharel em 1477 e como licenciado em 1484. No ano seguinte casou-se com Elisabeth Burg, com quem teve sete filhos. Concluído o Doutorado em 1489, assumiu uma cátedra na mesma Faculdade, passando a lecionar Direito Canônico e Direito Romano (ou Civil). Ao mesmo tempo, atuava como advogado e juiz. Em 1499, a Basileia foi acolhida na Confederação Suíça, separando-se do Império, o que levou Brant, em 1500, a mudar-se de volta para Estrasburgo. Lá desempenhou diversos cargos públicos, sendo inclusive, em algumas ocasiões, chamado a atuar como conselheiro do imperador Maximiliano I. Quando faleceu, em 1521, era o autor alemão mais renomado em toda a Europa.

Além de *A nau dos insensatos*, a obra de Brant ainda inclui escritos jurídicos (*Expositiones sive declarationes omnium titulorum iuris*, 1490), coletâneas de poemas (*Carmina in laudem Mariae*, 1494; *Varia carmina*, 1498), edição de obras de Santo Agostinho (1489), Virgílio (1502) e outros autores clássicos, além de traduções, panfletos, etc.

Brant era católico fervoroso, não tendo quaisquer inclinações reformistas (o que não impediu que muitas de suas críticas fossem, mais tarde, absorvidas pela Reforma de Lutero). Suas críticas à Igreja pretendem ser um apelo para que ela

elimine a corrupção e os desregramentos que, na época, andavam à solta em todos os seus escalões. Assim, *A nau de insensatos* pode ser entendida como metáfora para a nave da igreja: do ponto de vista de Brant, a religião estaria desgovernada e vergada sob o peso dos desatinos de clérigos e fiéis, rumando às cegas para o Juízo Final (Anticristo). Brant conclama seus leitores à aceitação incondicional da doutrina cristã, à devoção fervorosa a Deus, à purgação dos pecados e à moralização dos costumes – nisso estaria a verdade e a sabedoria, que deveriam ser buscadas por todos.

#### A TRADUÇÃO

A presente tradução foi elaborada a partir da edição em Frühneuhochdeutsch [pré-novo-alto-alemão]. Foram consultadas as edições:

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff - Studienausgabe*. Editado por Joachim Knappe. Texto da edição de 1494. Stuttgart: Reclam, 2005.

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff*. Editado por Hans-Joachim Mähl. Versão em alemão moderno, elaborada a partir da edição de 1494. Stuttgart: Reclam, 1964.

BRANT, Sebastian. *Das Narrenschiff*. Versão em alemão moderno, elaborada a partir das edições de 1494 e 1872. Wiesbaden: Marixverlag, 2004.

BRANT, Sebastian. *La nave de los necios*. Editado por Antonio Regales Serna. Tradução da edição de 1854. Madrid: Akal, 1998.

Esta tradução guia-se pelo propósito de verter para o português o texto original de Sebastian Brant, tendo em vista principalmente a acessibilidade ao leitor brasileiro contemporâneo. Por isso, optou-se pela versão em prosa, abrindo-se mão da versificação e metrificção empregadas pelo autor,

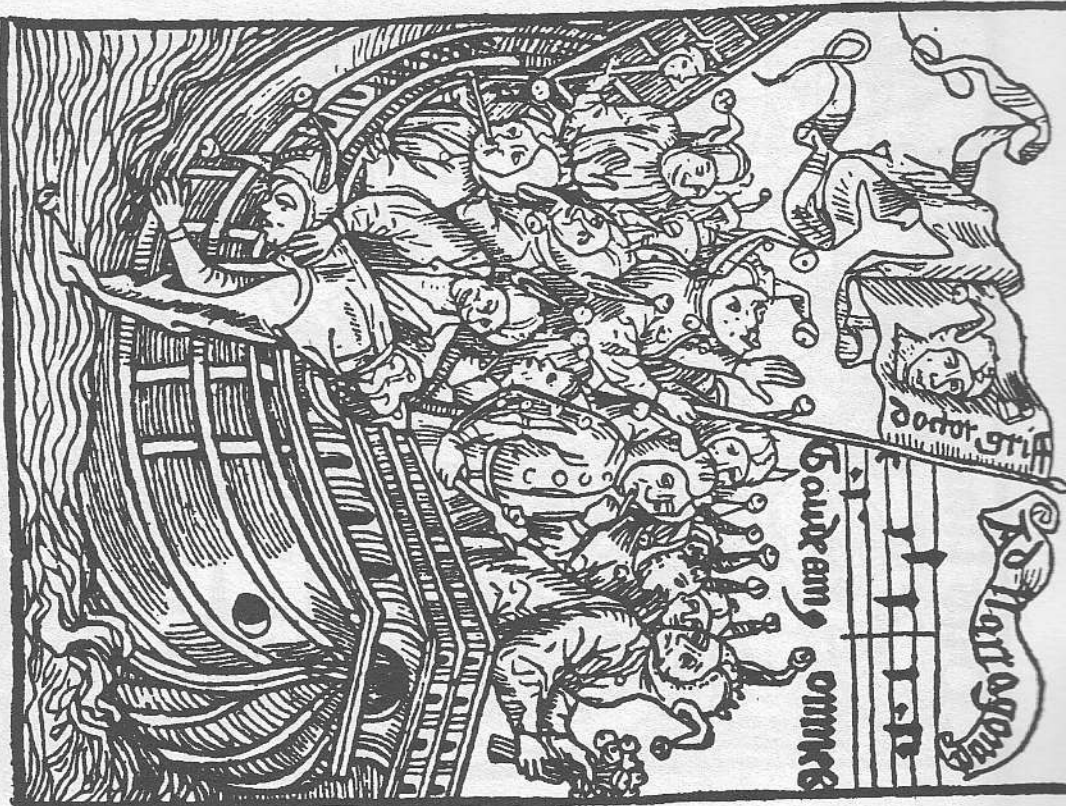
as quais costumam ser mantidas nas versões para o alemão moderno.

O frequente recurso do autor a expressões linguísticas, ditados populares, passagens bíblicas, referências a autores da Antiguidade, bem como a dados históricos e mitológicos, confere ao texto de *A nau dos insensatos* um caráter por vezes cifrado e menos transparente ao leitor de nossos dias. O acréscimo de informações e comentários em rodapé pretende enriquecer a leitura, auxiliando para que se saboreie de modo mais fluente a sátira de Brant.



Texto na estampa: "A nau dos insensatos – Rumo à Insensatolândia! – Sejam todos alegres – Segui por aqui – A bordo! A bordo, irmãos! Vamos partir! Vamos partir!"





*Hi sunt qui descendunt mare in navibus facientes opationem  
in aquis multis. Ascendant usque ad celos et descendunt  
usque ad abyssos anima eorum in malis tabescebat. Turbati  
sunt et moti sicut ebrius: et omnis sapientia eorum  
devorata est.\**

Texto na estampa: "A nau dos insensatos – Rumo à Insensatolândia! – Sejam todos alegres – Doutor Grito". Doutor Grito é personagem fictício, que reaparece nas estampas 76 e 108; se faz alusão a alguma figura histórica, não é certo.

\* Salmos 106, 23; Salmos 106, 26; Salmos 106, 27.

## PRÓLOGO À NAU DOS INSENSATOS

Que seja de utilidade e sirva de salutar ensinamento, de estímulo à conquista de sabedoria, juízo e bons costumes, assim como à emenda e punição da insensatez, cegueira, desacerto e inépcia dos homens e mulheres de todas as condições. Recolhido na Basílica com especial dedicação, esforço e seriedade por Sebastian Brant, doutor em Direito Civil e Direito Canônico.

Todos os Estados<sup>3</sup> encontram-se agora saturados de escrituras sagradas e de tudo o que se destina à salvação da alma: tanto a Bíblia, que traz os ensinamentos dos santos padres, como livros de toda sorte, em tal quantidade que me causa estranheza que não tenham aprimorado ninguém. Ao invés disso, a Escritura e os preceitos são recebidos com desprezo, e o mundo inteiro continua mergulhado em trevas e cometendo pecados às cegas. Todas as ruas e travessas estão apinhadas de insensatos; eles vivem entregues às maiores tolices, mas não aceitam serem chamados de néscios. Por isso, pensei em como embarcar os insensatos na nau: serão necessários galé, veleiro, gripo, barqueta, escuna, canoa, cimba, draga, chalupa, e ainda trenó, carreta, carrinho de mão, carroça, pois um bar-

3. Brant refere-se aos *Länder* ou Estados do Sacro Império Romano-Germânico, que remonta a Carlos Magno (coroado imperador em 800 d.C. pelo Papa Leão III) e que durou até a invasão por Napoleão em 1806. Os Estados eram de variados tipos, havendo entre eles reinos, principados, ducados, grão-ducados, etc.

co apenas não seria o bastante para levar a multidão de néscios. O número é tão grande que, como um enxame de abelhas em voo, vários correm por toda parte em busca de transporte para a travessia e, sem encontrá-lo, tentam nadar até o navio. Cada qual deseja ser o primeiro a chegar. Muitos tolos e néscios conseguem subir a bordo e deles eu fiz aqui um retrato. Aqueles que não tiveram apreço pela escrita e os que não souberem ler irão reconhecer sua própria essência no desenho<sup>4</sup> e poderão ver como são, a quem se igualam e o que lhes falta. Chamo-o de Espelho dos Insensatos, pois nele cada tolo se vê refletido: quem aí se mira, conhecerá como realmente é. Quem olhar diretamente para sua imagem no espelho perceberá que não deve tomar-se por douto ou presumir ser o que não é, pois não há entre os vivos quem não tenha falhas ou quem possa afirmar que é um sábio e não um parvo.

Quem reconhecer a si mesmo como tolo, logo será colocado ao lado dos sábios, mas quem insistir na própria sapiência não passa de um fátuo, um compatriota dos néscios, que fará bem em tomar como companheiro este livrinho. Nele não faltam insensatos: todos encontram aqui a carapuça que lhes serve; também descobrem para o que nasceram e porque são tão numerosos os palermas, quantas honras e felicidades são recebidas pela sabedoria e quão lamentável é a condição dos tolos. Aqui se vê como anda o mundo, e por isso o livrinho é tão bom de se comprar. Para brincadeiras, lamentações e todo tipo de trivialidade, há aqui insensatos ao gosto de qualquer pessoa. Um sábio encontra aquilo que lhe apraz; um tolo se satisfaz com os mexericos sobre seus próximos. Aqui temos todos os tipos de palermas, sejam ricos ou pobres, lé com lé, crê com crê, cada qual encontra seu igual. Eu costuro o gorro,<sup>5</sup> e muitos usam-no sem preocupações. Mas se eu fosse chamá-los de insensatos, afirmariam que os confundi com outra pessoa. Contudo, faço votos de que todos os sensatos possam en-

4. As xilogravuras que acompanham o texto.
5. O gorro é atributo característico dos tolos. Em língua alemã existe o provérbio "Jedem Narren gefällt seine Kappe" ["Cada tolo está satisfeito com seu gorro"], cujo sentido é: cada um gosta de suas próprias peculiaridades.

contrar aqui algo que os deleite, e então digam com convicção que meu relato é certo e apurado. E como estou persuadido de meu testemunho, pouco me importam os néscios: eles que ouçam aqui a verdade, ainda que ela não lhes agrade. Como já disse Terêncio,<sup>6</sup> quem diz a verdade é recebido com ódio,<sup>7</sup> quem muito assoa o nariz acaba expelindo sangue, e quem estimula a cólera não raro faz correr o fel. Por isso não dou ouvidos aos que falam pelas costas ou que lançam injúrias contra bons ensinamentos. Não me faltam tais parvos que não aceitam palavras de sabedoria; este livrinho está repleto deles. Contudo, peço a todos que dediquem mais atenção ao bom-senso e à honra do que a mim e a minha singela composição. Certamente não foi sem esforço que reuni tamanha coleção de simplórios. Em muitas noites cheguei a velar, enquanto aqueles em quem pensava dormiam ou se dedicavam ao jogo e ao vinho e pouco se ocupavam de mim. Uma parte andava pela neve de um lado a outro em trenós, regelando até os ossos; outra parte estava entregue a travessuras; ainda outros calculavam o prejuízo que haviam sofrido naquele mesmo dia e os ganhos que esperavam poder obter, e como na manhã seguinte pretendiam mentir com loquacidade, vender e trapacear a quantos pudessem. E para ponderar sobre essa gente, de modo a me satisfazer com o tom, a palavra e a obra como um todo, não é de se estranhar que muitas vezes eu ficasse em vigília, sem que ninguém o suspeitasse e assim censurasse meu trabalho. Que se mirem todas as pessoas nesse espelho, homens e mulheres, pois ele é feito para todos: não somente os homens são parvos; também há muitas parvas, e são suas toucas, véus e mantilhas<sup>8</sup> que cubro aqui com gorros de néscios. Moças também têm trajes de bobo, pois agora insistem em usar o que entre os homens sempre foi escandaloso: sa-

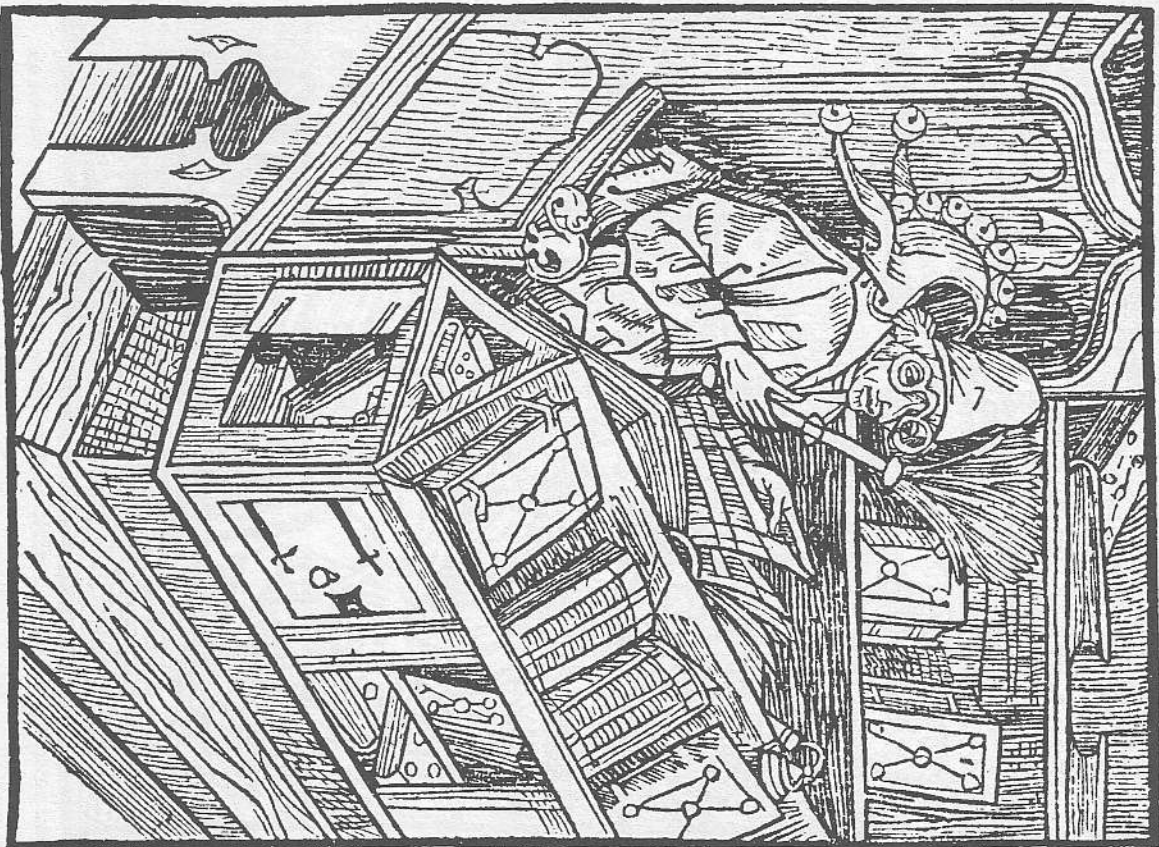
6. Publius Terentius Afer (195/185-159 a.C.), conhecido como Terêncio, foi um dramaturgo nascido em Cartago (Norte da África) e levado a Roma como escravo. Após sua libertação, foi autor de seis comédias, escritas na tradição grega da Comédia Nova.
7. Na primeira peça de Terêncio (*Andria*, de 166 a.C.) está dito que "Veritas odium parit" ["A verdade gera o ódio"].
8. Trata-se aqui do véu usado pelas freiras.

patos pontiagudos<sup>9</sup> e golas tão decotadas que não conseguem esconder o mercado de leite; elas entrelaçam muitas tiras de pano em suas tranças e fixam chifres à cabeça,<sup>10</sup> como outrora se viam apenas à testa de robustos touros; tais adereços nada mais fazem que torná-las parecidas com animais selvagens. Fora isso, rogo o perdão das senhoras recatadas, pois jamais pensei nelas com qualquer palavra maliciosa. Mas não serão poupadas as mulheres impudicas, das quais um bom número se encontra na nau dos insensatos. Portanto, que todos fiquem de prontidão para procurarem a si mesmos no livro; quem não se encontrar poderá dizer que está livre do gorro e do bordão.<sup>11</sup> Quem acredita estar fora do meu alcance, que fique à porta, junto com os doutos, e lá aguarde com paciência até que eu lhe traga um gorro de Frankfurt.<sup>12</sup>

9. Surgidos em torno de 1360, os sapatos masculinos pontudos foram ficando cada vez mais alongados, chegando as pontas mais exageradas a medir 45 cm. O exagero dessas pontas levou o rei inglês Eduard III a estabelecer uma multa aos nobres que as usassem. A moda dos *crakoues* ou *pontants*, como eram chamados os sapatos pontudos, durou pelo séc. XV adentro.
10. Adorno introduzido por volta de 1410, que consistia em uma estrutura de arame com duas pontas, semelhantes a chifres, nas quais era preso um véu.
11. O bordão e o gorro são os dois acessórios mais característicos do tolo.
12. O autor refere-se à feira de Frankfurt.



À dança dos parvos eu me uno, colocando-me na dianteira do desfile, pois vejo ao meu redor uma montanha de livros que não leio e nem consigo entender.



[1]

## DOS LIVROS INÚTEIS

Que me encontro sentado na proa do navio é algo especialmente engraçado e que com certeza tem sua justa causa. Por livros tenho grande apreço e deles possuo um volumoso tesouro. Embora pouco compreenda do que está escrito em qualquer um deles, venero minha biblioteca e não permito que uma mosca sequer lhe cause mal. Quando alguém fala em ciências e artes, logo digo: "Em minha casa tenho-as aos montes!" Afinal, para contentar meu espírito já é suficiente que eu esteja circundado de livros. Conta-se que Ptolomeu<sup>13</sup> possuía os livros do mundo inteiro e que os considerava seu maior tesouro; no entanto, nunca encontrou a verdadeira doutrina e dela não extraiu qualquer lição. Eu tenho muitos livros, assim como ele, e pouco os leio. Por que eu haveria de dar tratos à bola e esforçar-me por aprender e ganhar conhecimento? Ora, quem muito estuda torna-se lunático! Eu sou um senhor de posses, portanto, posso dar-me ao luxo de pagar alguém que estude em meu lugar. Ainda que meu espírito esteja embotado, quando encontro os eruditos posso simplesmente exclamar: "Ihã! De fato!" Fico feliz de pertencer aos falantes de alemão, já que pouco sei de latim. Decerto sei que *vinum* significa "vinho", *cuculus* é um cuco, *stultus* um estúpido, e que meu título é "*Dominus doctor*".<sup>14</sup> Minhas orelhas são pequenas; se não fossem, estaria entre os jumentos do moleiro.

13. Durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo (aprox. 309-246 a.C.) no Egito, foi fundada a Biblioteca de Alexandria, destinada a reunir em papiros todos os livros da época.

14. Senhor doutor.

*Quem espera ter poder no Conselho e se deixa levar pelos ventos que ora estão soprando torna-se uma rês no caldeirão alheio.*



[2]

## DOS BONS CONSELHOS

Muitos são aqueles que não medem esforços para logo fazerem parte do Conselho, embora nada saibam de Direito e andem às cegas junto das paredes. O bom Husai foi sepultado enquanto Aitofel se tornou conselheiro.<sup>15</sup> Quem deve julgar e dar conselhos de maneira íntegra, que se guie pela Justiça, ao invés de ser o mero bastão com que se conduz a rês ao caldeirão.<sup>16</sup> Estou convencido de que não é correto o conselho que não tem seu fundamento na Justiça. Quem aconselha deve agir de acordo com o que é melhor, e investir o que não sabe, caso contrário estará em desacordo com o que é justo e ficará em apuros diante da Justiça de Deus. Com ela não se brinca! Se todos soubessem o que vem a seguir, não teriam tanta pressa em julgar, pois cada um será medido com a régua que ele próprio usou.<sup>17</sup> Assim como tu me medires e como eu te medir, assim Deus irá medir a mim e a ti. Cada um irá aguardar em seu túmulo pelo julgamento que Ele mesmo já tiver dado. E quem tiver condenado a muitos já tem a sua sorte tirada: a pedra que arremessou virá cair sobre sua cabeça! Aqueles que não souberem guiar-se pela Justiça aqui, lá serão duramente com ela confrontados: perante Deus não prevalecem força ou cautela, nem conselho ou esperteza.<sup>18</sup>

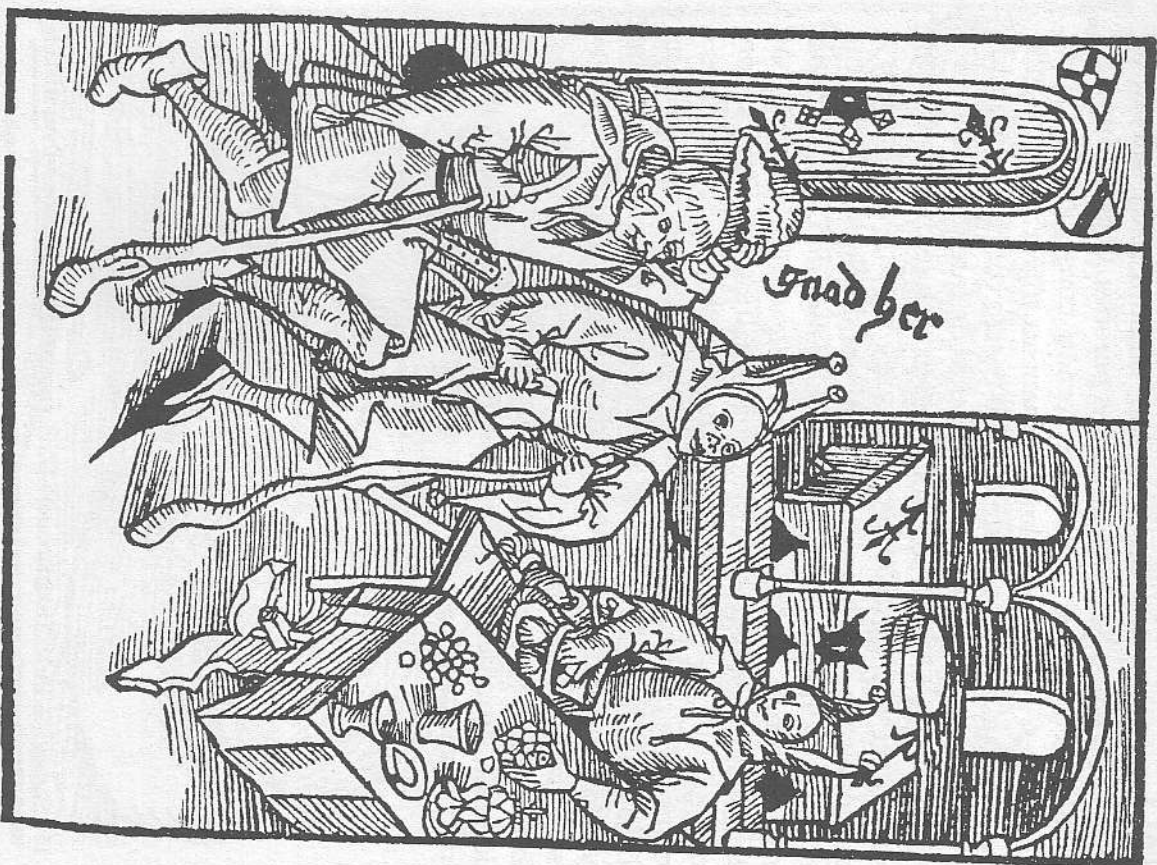
15. Samuel 2, 15-18; Husai foi fiel a Davi, enquanto Aitofel aconselhou Absalão contra seu pai.

16. Ver estampa 2.

17. Mateus 7, 2.

18. Provérbios 21, 30.

*Quem aposta todas as suas cartas nos bens mundanos, esperando assim encontrar alegrias e alento, é um tolo da cabeça aos pés.*



Texto na estampa: "Piedade, Senhor".

[3]

## DA COBIÇA

Insensato é todo aquele que acumula bens, mas não tem paz nem alegria, e não sabe quem herdará tudo isso quando chegar o momento de emprender sua viagem ao porão sombrio. Um insensato maior ainda é quem dissipa com pompa e levandade aquilo que Deus lhe presenteou, aquilo de que é o único responsável e pelo que haverá de prestar contas, podendo perder algo muito mais valioso do que um pé e uma mão.<sup>19</sup> Um tolo deixa avultada herança para seus amigos; não cuida de prover para sua alma e teme que lhe faltem bens mundanos, sem preocupar-se com sua manutenção na eternidade. Oh, pobre néscio, tu és cego: foges da cruz e acabas na caldeirinha! Muitos caem em pecado para apoderar-se de bens alheios; por isso vão arder no inferno. Seus herdeiros consideram-no de pouca monta; eles não ajudariam sequer com uma pedra e não ofereceriam um único arrátele<sup>20</sup> para aliviar sua sentença nas profundezas do inferno. Para a glória de Deus, dá, uma vez que estás vivo; e quando morreres, outro será senhor de tuas posses. Jamais um sábio almejou ser rico aqui na terra, preferindo, ao contrário, conhecer a si mesmo. Quem é sábio possui em verdade uma riqueza multiplicada! Ao final, Crasso bebeu o ouro pelo qual tanto ansiou,<sup>21</sup> já Crates<sup>22</sup> jogou seu dinheiro ao mar, pois achava que o importunava ao estudar. Quem acumula coisas passageiras confina a alma em um túmulo feito de excrementos e imundíces.

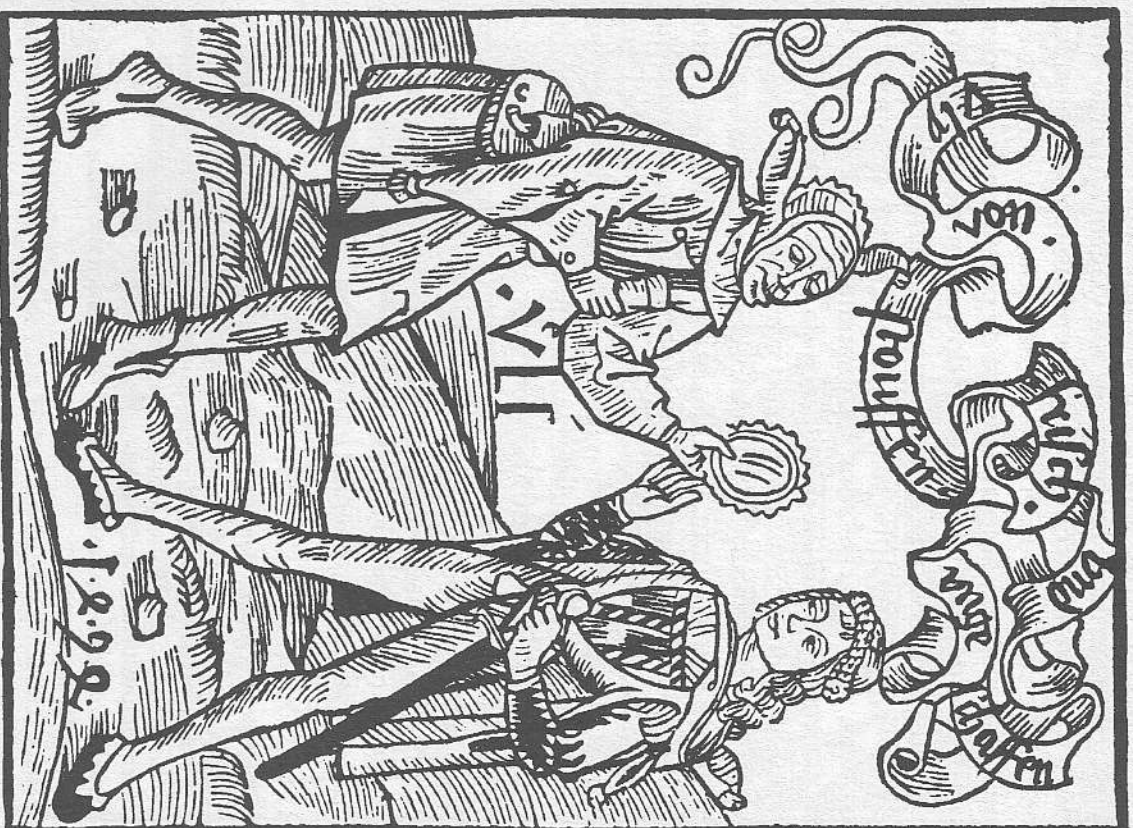
19. Referência à severa penalidade de ter um pé e uma mão decepados. Tratava-se de castigo especialmente humilhante, pois a mão direita era usada para manejar a espada, e o pé esquerdo era necessário para montar o cavalo: na Idade Média, alguém sem qualquer desses membros era tido como imprestável ou indigno.

20. Medida de peso equivalente a 459g. Antigamente o valor das moedas dependia de seu peso.

21. Marco Licínio Crasso (aprox. 115-53 a.C.) foi um político romano que, juntamente com César e Pompeu, integrou o primeiro triunvirato. Liderou campanha militar contra os Partos, que o derrotaram na batalha de Carrhae. Conta-se que os Partos teriam obrigado Crasso a ingerir ouro líquido, como castigo por sua ambição desmedida.

22. Crates de Tebas (aprox. 365-285 a.C.) foi um filósofo helenístico.

*Quem espalha novas modas pelos lugares gera muito escândalo e vergonha e anda de mãos dadas com os parvos.*



Texto na estampa: "Jill von Staufen: Janola e horrível. 1494".

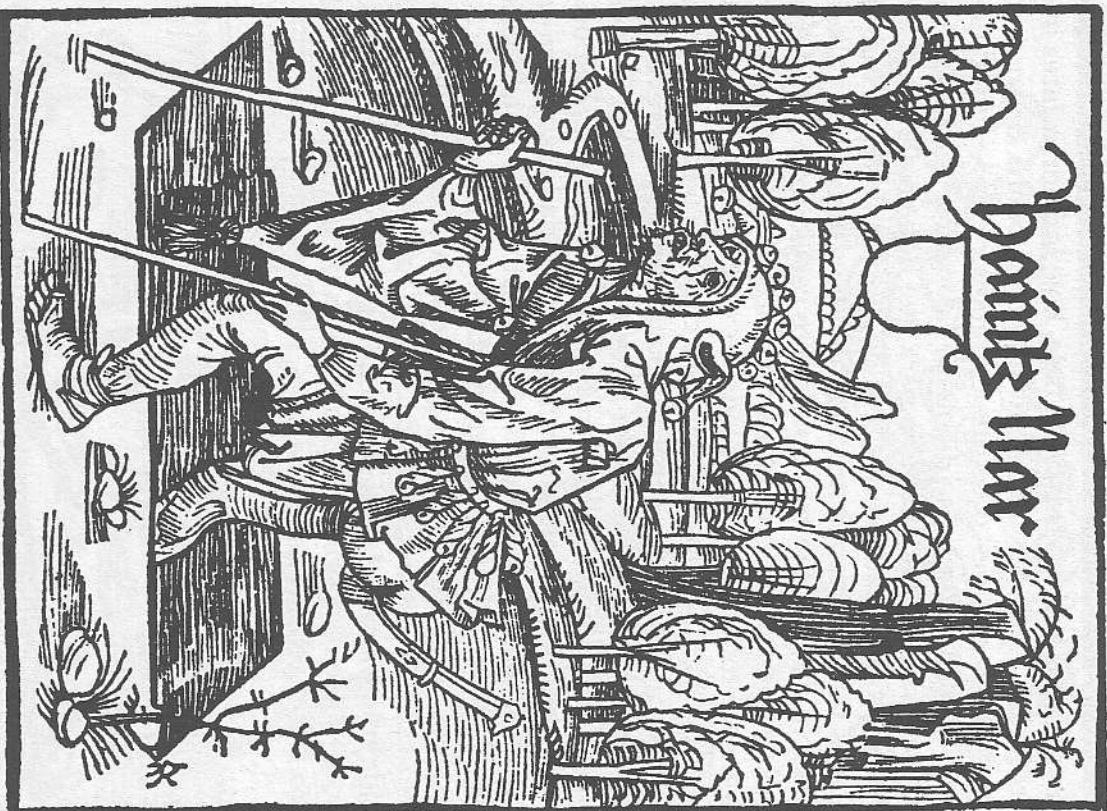
[4]

#### DAS NOVAS MODAS

Aquilo que antigamente era escandaloso, hoje é visto como uma ninharia sem importância. Antes os homens usavam suas barbas com dignidade, hoje imitam as faces imberbes das mulheres, esfregam no corpo banha de macaco e penduram nos pescoços nus correntes e colares dourados como se fossem postar-se diante de Leonardo.<sup>23</sup> Enxofre e resina são passados nos cabelos para que fiquem afofados, e o arranho é completado com claras de ovo batidas para que os cabelos fiquem crespos no cestinho.<sup>24</sup> Uns inclinam a cabeça para fora da janela, outros clareiam os cabelos com sol e fogo, e sob os penteados pululam os piolhos. Estes agora podem viver com comodidade, pois todas as vestimentas têm pregas. Tanto o vestido e o manto, quanto a camisa e o gibão, e ainda o pantufo, bota, calção, sapato, capuz, casaco e beca revestida de peles: em tudo pode-se ver o costume dos judeus.<sup>25</sup> Após uma moda segue-se outra, o que mostra como nossa disposição é vergonhosamente inconstante: as novidades alastram-se por todos os Estados. O gibão é tão curto e cheio de fendas que mal consegue cobrir o umbigo! É vergonhoso que a nação alemã deixe à mostra, para vexame e desonra, aquilo que a natureza procura esconder! As coisas vão mal e provavelmente ainda irão piorar. Mas, ai de quem for a causa de tais degradações! Quem incorre nesses opróbrios ou os tolera receberá uma recompensa inesperada!

23. Ao serem libertados, os prisioneiros ofereciam suas correntes a São Leonardo, patrono dos cativos.
24. Um cestinho raso de palha era pressionado sobre os cabelos para formar cachos e moldar o penteado.
25. Os judeus usavam caftãs: vestimentas largas, semelhantes a togas ou túnicas, e cheias de pregas.

*Já estou com um pé na cova e o cutelo do esfolador está espelando minha bunda, mas eu me recuso a abandonar minha insensatez.*



Texto na estampa: "João Bobo". João (que corresponde a Heinz ou Hans) é nome extremamente comum, indicando a universalidade da figura. Abaixo da inscrição está um braço em branco, espaço que poderia ser preenchido com a identificação de qualquer família.

[5]

## DOS INSENSATOS VELHOS

"A insensatez não me permite ser um ancião de verdade; tenho bastante idade mas nenhuma sabedoria. Sou uma criança de cem anos<sup>26</sup> e malcriada, que conduz os jovens com seu guizo.<sup>27</sup> Às crianças transmito o ensinamento, fazendo para mim mesmo um testamento que lamentarei após a minha morte. Com maus conselhos e exemplos prático o que aprendi na juventude. Desejo receber honrarias pelos meus malefícios, pois vanglorio-me da desonra de haver ludibriado pessoas em todos os Estados. Turvei muitas águas, exercitei-me sempre na maldade e agora lastimo não poder continuar exercendo-a como nos dias de outrora. Mas o que agora não posso mais realizar fica como recomendação para João; meu filho certamente há de concluir o que deixei por fazer, pois ele segue minhas inclinações, que lhe caem muito bem e farão dele um homem, se viver. Sendo filho meu, é preciso dizer que o canalha terá igualmente uma conta a pagar e tem um lugar assegurado na nau dos insensatos! Para mim será um deleite tê-lo como substituto após a minha morte!" Essas são hoje as aspirações da velhice; ninguém mais procura alcançar o discernimento. Os juízes de Susana<sup>28</sup> mostraram muito bem o quanto se pode confiar em um ancião. Um parvo idoso não se empenha por sua alma, pois esse esforço é difícil para quem nunca se acostumou a ele.

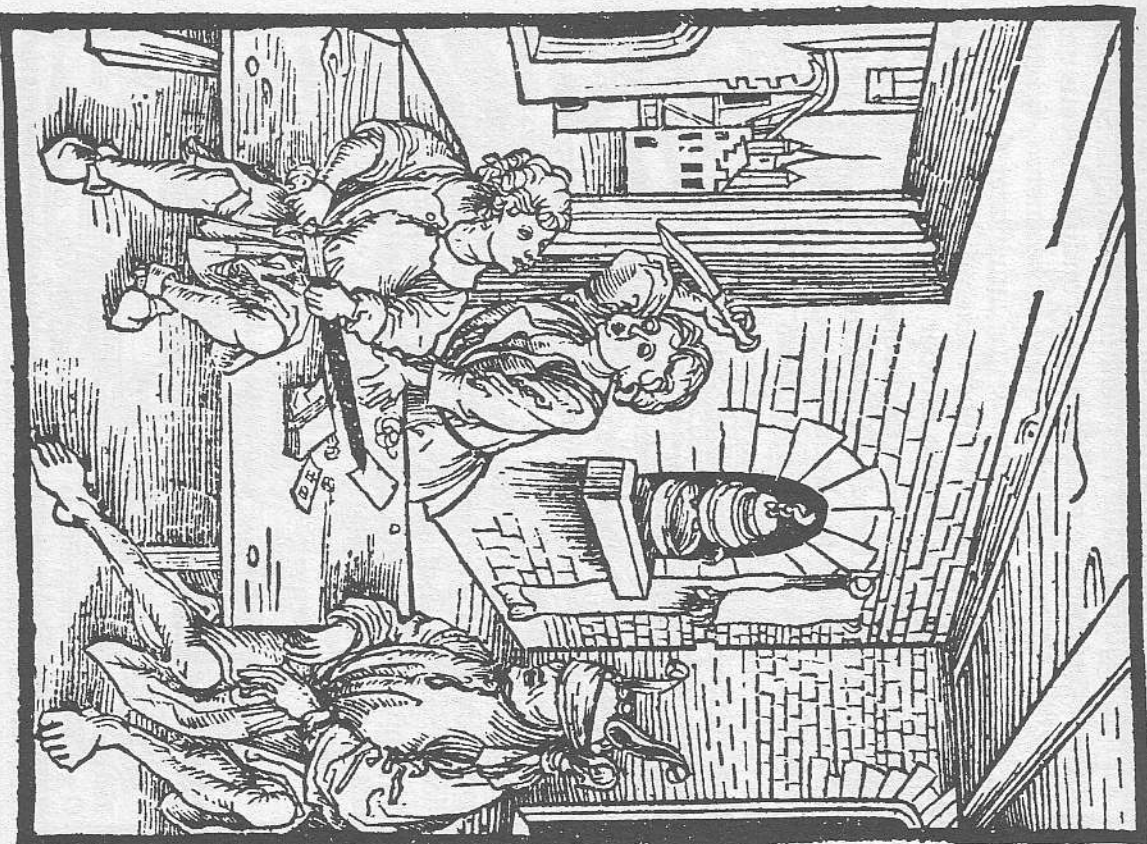
<sup>26</sup> Referência a Isaias 65, 20.

<sup>27</sup> O guizo é parte integrante da indumentária dos tolos desde a primeira metade do séc. XV. Mas já em 1381 o conde Adolf von Cleve (ancestral de Anne von Cleve, quarta esposa de Henrique VIII) organizava reuniões nas quais os participantes usavam guizos nas mangas de suas roupas.

<sup>28</sup> Em Daniel 13 é narrado como dois velhos juízes cobijaram a virtuosa Susana, que os rejeitou. Eles então se vingaram dela, acusando-a de adúltero.



*Quem negligencia os filhos e não castiga suas travessuras, muito há de sofrer ao final.*



[6]

## DA EDUCAÇÃO ADEQUADA

A estupididade certamente cegou quem descuidada da boa educação de seus filhos, deixando-os extraviados e sem repressão, como um rebanho sem pastor. As insolências não recebem admoestação, pois o insensato crê que seus filhos são jovens demais para aprenderem a lição ou lembrarem-se do castigo. Oh, grande toleirão, ouve e presta atenção: a juventude não deixa nada despercebido e aprende com facilidade cada detalhe. A panela nova fica impregnada com o gosto e o odor da comida; um galho novo pode ser vergado e moldado, mas se dobrarmos um galho velho, ele se rompe em dois. O castigo aplicado com justiça não produz gritos de desespero; a vara da disciplina extrai sem dor a tolice do coração da criança.<sup>29</sup> Sem castigo raramente há aprendizado; cresce o mal que não é extirpado. Eli era honesto e vivia sem mácula, mas não censurava seus filhos, o que levou Deus a castigá-lo, de modo que todos morreram em um mesmo dia em meio a lamentações.<sup>30</sup> Como ninguém quer reprimir as crianças, é grande o número de Catilinas.<sup>31</sup> A educação estaria em muito melhores condições se as crianças tivessem mestres como Fênix,<sup>32</sup> a quem Peleu procurou para confiar-lhe a criação de Aquiles. Felipe vasculhou a Grécia até deparar-se com um preceptor para seu filho: o monarca<sup>33</sup> mais ilustre do mundo foi dado à tutela de Aristóteles, que durante muitos anos ouvira Platão, discípulo de Sócrates. Mas os pais de hoje, cegos pela avareza, escolhem mestres que fazem seus filhos de bobos, de modo que estes voltam para casa ainda mais palermas do que eram quando dela saíram. Não é de causar assombro, portanto, que um néscio tenha filhos néscios. O velho Crates<sup>34</sup> dizia que, se

29. Provérbios 22, 15.

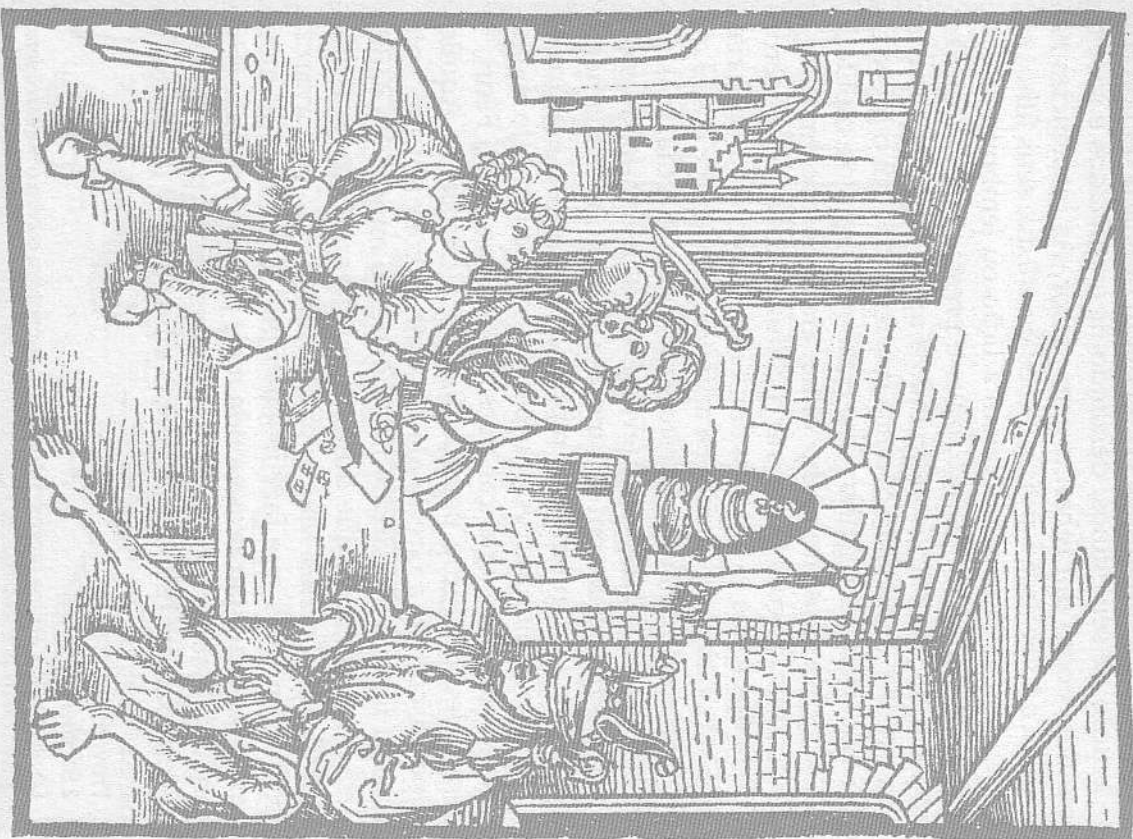
30. 2 Samuel 2 e 4.

31. Lúcio Sérgio Catilina (aprox. 109-62 a.C.) conspirou contra o Senado, sendo denunciado por Cícero.

32. Ver Plutarco, *De educatione*, 7, 3. Brant acompanha essa obra por quase todo este capítulo.

33. Alexandre o Grande (356-323 a.C.), rei da Macedônia.

34. Plutarco, *De educatione*, 7, 13.



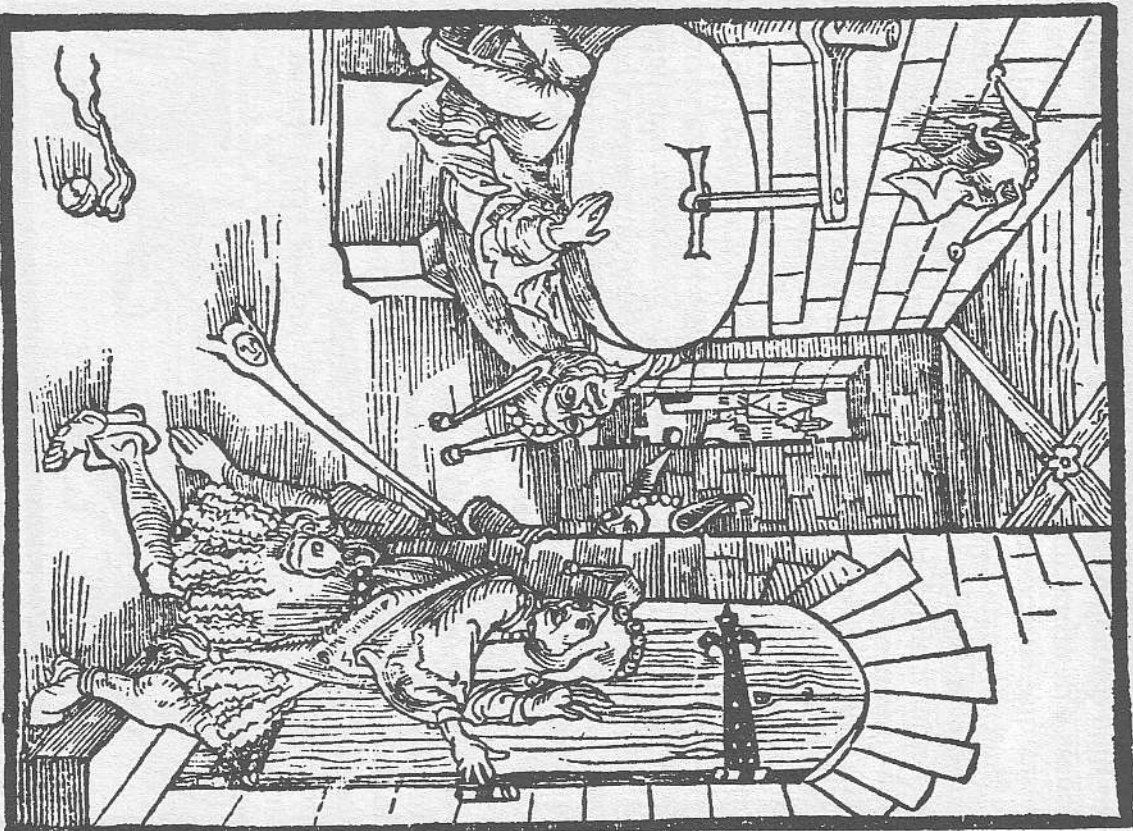
Isso lhe competisse, gritaria a plenos pulmões: Vós, imbecis! Sois insensatos se pretenderdes acumular propriedades e por isso fordes parcimoniosos com vossos filhos, sem lembrar que é para eles que acumulais a riqueza. Mas vosso será o prejuízo final quando o filho entrar no Conselho e puder alcançar honras e destreza, mas ao invés disso apenas pender para as coisas que aprendeu na infância. Então serão multiplicados os lamentos paternos e o arrependimento por haver criado inutilmente um espantalho. Uns juntam-se ao mandrião para blasfemar e ofender a Deus; outros cercam-se de meretrizes; uma corja perde o cavalo e a camisa no jogo; outra corja vive dia e noite em pândegas. É assim que se tornam os filhos que não foram educados quando pequenos e não tiveram o acompanhamento de um bom mestre. Pois o princípio, o meio e o fim da honra são constituídos pelo bom ensinamento. Ser nobre é algo louvável, mas tu não alcançaste a nobreza sozinho: ela veio de teus pais. A riqueza é algo primoroso, mas depende do acaso da fortuna, que dança para cima e para baixo, como uma bola.<sup>35</sup> Bela é a glória do mundo, mas inconstante, de modo que pende para lá e para cá. Um belo corpo é algo que muito se preza, mas talvez não dure mais do que uma noite; a saúde nos é muito cara, mas pode esquivar-se furtivamente como um ladrão. O vigor e a força são admiráveis, porém ao final sucumbem à doença e à velhice. Por isso, nada é tão duradouro e imortal como o bom ensinamento. Certa vez Górgias<sup>36</sup> perguntou se o grande senhor da Pérsia era feliz, ao que Sócrates respondeu: "Não sei se ele já aprendeu os deveres da virtude!"<sup>37</sup> Afinal, de que valem o poder e a riqueza sem a doutrina da virtude?

35. Referência ao giro da Roda da Fortuna.

36. Górgias de Leontinos (aprox. 487-380 a.C.) foi mestre do historiador grego Tucídides.

37. Plutarco, *De educatione*, 8.

*Quem se deita entre duas pedras<sup>38</sup> e traz muita gente na ponta da língua em breve será esmagado pela ruína e pelas aflições.*



38. São as pedras do moinho no meio das quais são triturados o trigo e outros cereais.

[7]

## DOS QUE CAUSAM A DISCÓRDIA

Não são poucos os que se delectam em produzir equívocos entre as pessoas, dividindo-as e semeando entre elas a intimidade e o ódio. Com calúnias e grandes mentiras distribuem golpes que só muito mais tarde são percebidos, quando a amizade se transformou em desavença. Para ocultar seu feito, ficam à espreita para ver quanto ainda podem acrescentar, e só em confissão reconhecem o que lhes poderia trazer vitupério. Sob a rosa<sup>39</sup> eles dizem resguardar a tua confiança, buscando falar ao teu coração e conquistar tua confiança. E pensam que assim agradam às pessoas. O mundo está cheio de tais falsidades, sendo comum alguém ser levado para mais longe pelas línguas do que pelos coches. É o que aconteceu com Coré<sup>40</sup> e também Absalão,<sup>41</sup> que desejavam ter partidários e conquistar a coroa, mas obtiveram somente humilhação e condenações. Em cada lugar há um Alcimo<sup>42</sup> separando amigos, cercando-os de mentiras, prendendo seus dedos nas portas e assim esmagando-os. Como aquele que alegou ter matado Saul,<sup>43</sup> esperando ser recompensado, e os que tiraram a vida de Is-Bosete,<sup>44</sup> também se encontra entre duas pedras de moer quem sempre tem prazer em semear a discórdia. Seus gestos revelam o que valem suas palavras e o que vale sua pessoa: ainda que se esconda um insensato por detrás da porta, suas orelhas sairão para fora.

39. Na Antiguidade, a rosa era símbolo de sigilo.

40. Números 16.

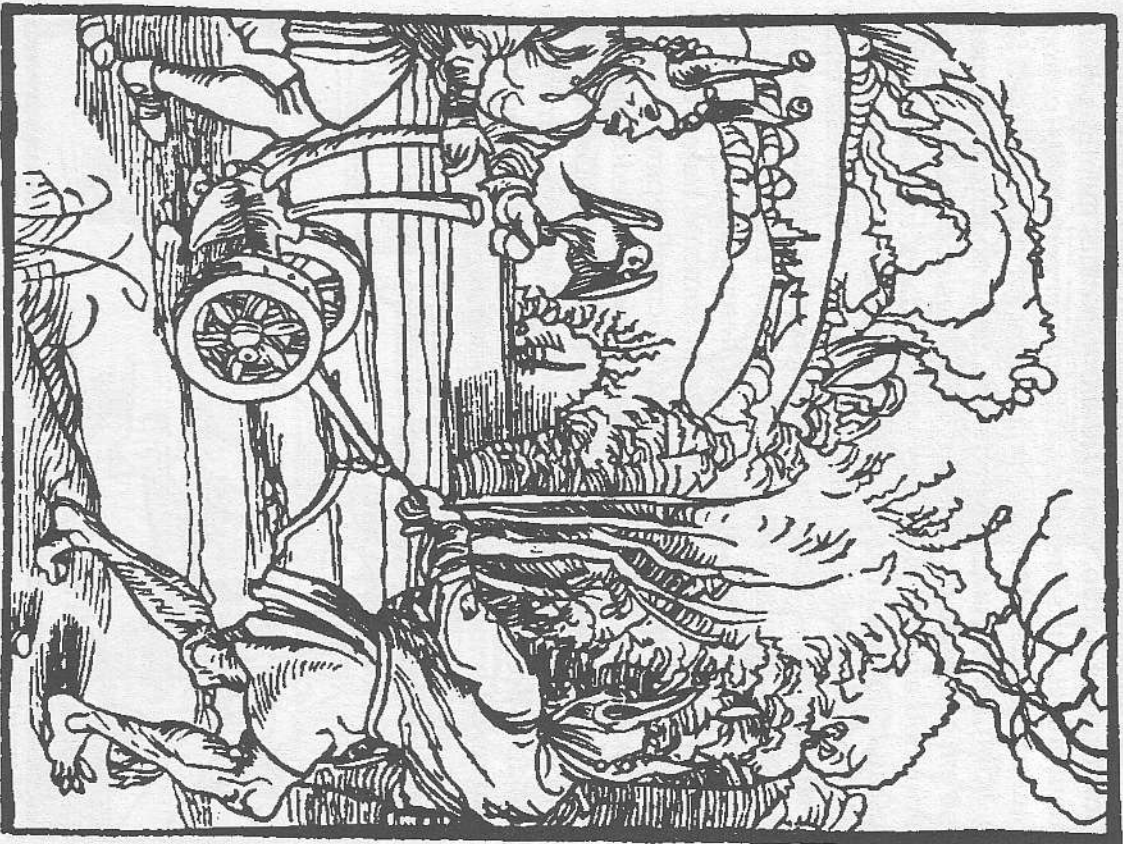
41. 2 Samuel 15.

42. 1 Macabeus 7.

43. 2 Samuel 1.

44. 2 Samuel 4.

*Quem não sabe dizer sim e não, e nem procurar conselho nas coisas grandes e pequenas, arcará sozinho com as consequências.*



[8]

## NÃO SEGUIR CONSELHOS

É um palerma quem deseja ser um sábio sem conseguir comportar-se adequadamente ou ter medida. E quando procura cultivar a sabedoria, usa um cuco à guisa de falcão.<sup>45</sup> Muitos são espertos e eruditos nas palavras, mas puxam o arado dos insensatos. E isso é assim porque em todos os momentos eles se consideram argutos e comedidos, não ouvindo os conselhos alheios até que a má sorte já esteja à porta. Tobias sempre ensinou seu filho a dar ouvidos aos conselhos dos sábios;<sup>46</sup> a mulher de Ló recebeu também boas instruções, mas sua índole era cheia de desdém, o que fez com que Deus a castigasse, transformando-a em estátua durante sua fuga.<sup>47</sup> Roboão não aceitou ser guiado pelo velho sábio,<sup>48</sup> preferindo seguir o néscio; perdeu dez tribos e continuou sendo um parvo. Se Nabucodonosor tivesse ouvido Daniel, não teria sido transformado em animal;<sup>49</sup> e Judas Macabeu, o mais forte dentre os homens, cujos feitos lhe renderam a fama, não teria perdido a vida caso houvesse seguido as palavras de Joram.<sup>50</sup> Quem apenas segue sua própria cabeça, quem ignora e descre de bons conselhos, irá se desviar da felicidade e salvação, encontrando a destruição antes do tempo! Por isso, nunca despreze o conselho de um amigo – onde há muitos conselheiros também há felicidade e poder.<sup>51</sup> Aitofel até matou-se porque Saul não seguiu seu conselho.<sup>52</sup>

45. O cuco não é ave de rapina (como o falcão), portanto, só um tolo o usaria para caçar. Em vários trechos do livro, no entanto, Brant recorre ao cuco como símbolo ou representação da insensatez.

46. Tobias 4, 19.

47. Gênesis 19, 26.

48. 1 Reis 12, 8.

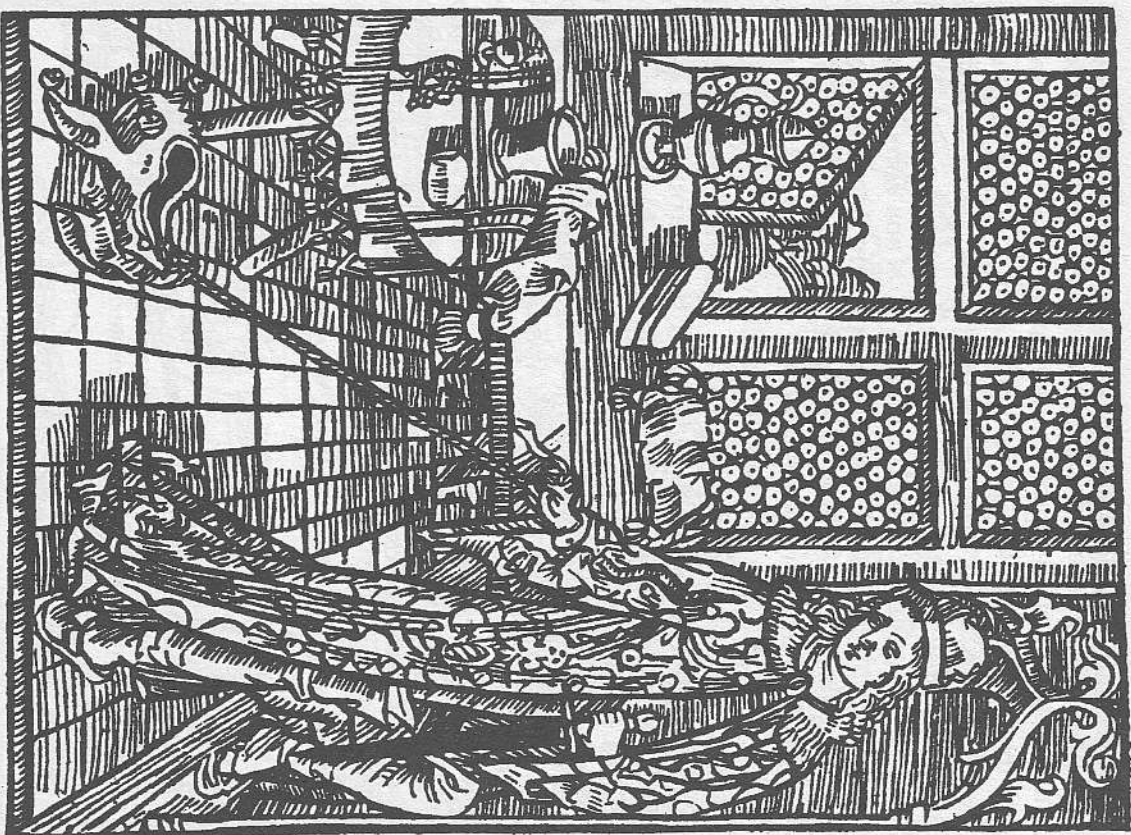
49. Daniel 4, 24-33.

50. 1 Macabeus 9, 1-18. Na Bíblia não é Joram quem dá o conselho.

51. Provérbios 11, 14.

52. 2 Samuel 17, 1-23.

*Quem tem maus costumes e maneiras, ainda que não queira ser um tolo, arrasta a capa pelo chão.*



[9]

## DOS MAUS COSTUMES

Muitos usam *Schanbe*<sup>53</sup> e caminham altivos, virando a cabeça para um lado e para outro, descendo vales e subindo montanhas, arrastando atrás de si uma longa cauda.<sup>54</sup> Ora seus passos são ligeiros, ora vagarosos, o que é indício e causa de sua disposição frívola, da qual devemos ter cautela. Aqueles que são sábios e têm bons costumes possuem modos em acordo com sua essência,<sup>55</sup> tudo o que fazem ou se dispõem a fazer é visto com bons olhos por quem é sábio. A verdadeira sabedoria é recatada, comedida, reservada e serena, mantendo-se em harmonia com o Bem.<sup>56</sup> Por isso, Deus concede-lhe a Graça em abundância. É muito mais vantajoso ter boas maneiras do que todas as riquezas da terra, pois o comportamento deixa à mostra o que se passa no coração. Há muitos que não cuidam de seguir os bons modos de se comportar, pois não estão acostumados a isso; como não foram educados para as boas maneiras, seus modos são os de um boi no pasto. Aquilo que é o maior ornamento, aquilo que merece o nome mais elevado, são os bons costumes, o pudor e a modéstia. Noé certamente tinha bons costumes, mas seu filho, Cão, não se igualou a ele.<sup>57</sup> Aquele que gera um filho sábio, a quem ensina prudência, decência, bom-senso, deve agradecer a Deus em todas as suas orações por tamanha graça. Albino mordeu o nariz de seu pai porque este não o havia educado.<sup>58</sup>

53. *Schanbe*, vestimenta introduzida no séc. XV, era um casaco largo, normalmente sem mangas, usado aberto para deixar entrever o gíbio vestido por baixo.

54. Referência à capa dos néscios, que é excessivamente longa.

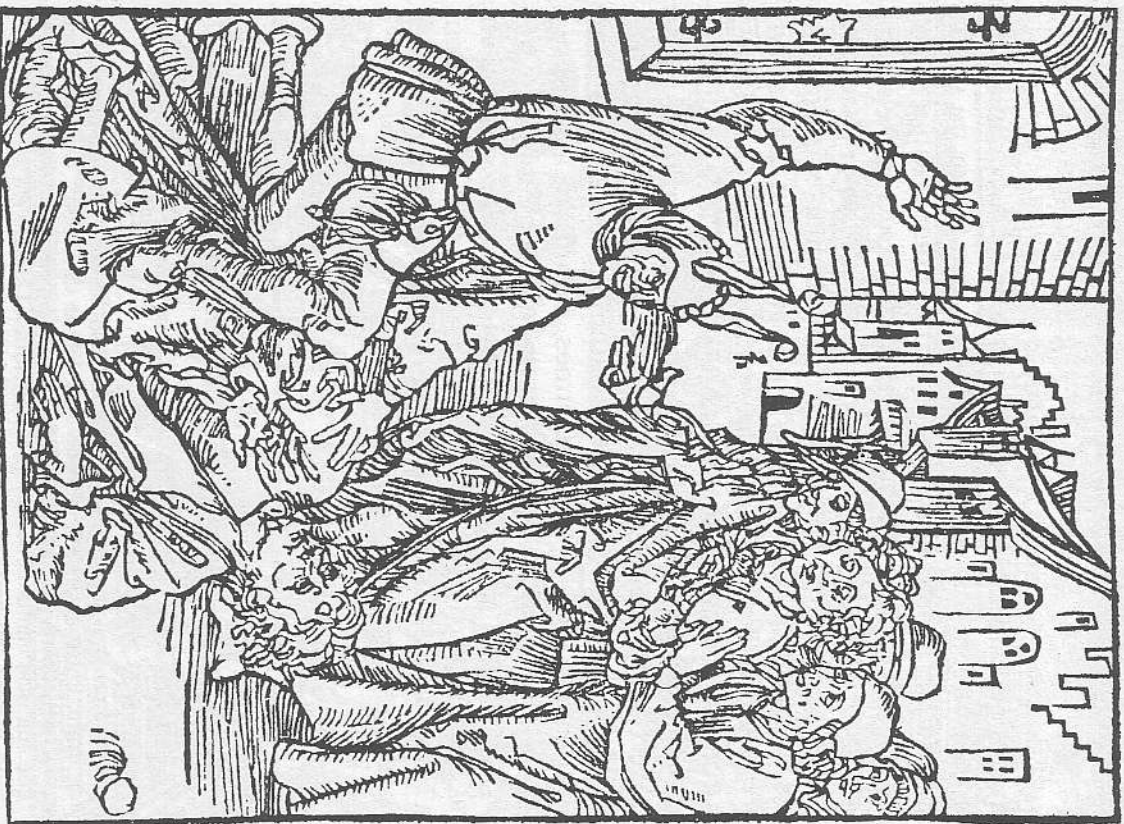
55. Acreditava-se que os modos exteriores refletiam a virtude interior (essência).

56. Tiago 3, 17.

57. Gênesis 9, 20-29.

58. Albino é personagem de uma facécia ou chiste bastante conhecida na época de Brant. O tema, porém, vem de uma fábula de Esopo. "O ladrão e sua mãe", em que um jovem é condenado à força e expressa, como último desejo, que sua mãe venha vê-lo, no que é atendido. Quando ela se aproxima, o filho arranca seu nariz com uma mordida, esclarecendo que fez isso para punir a mãe por ela não o ter educado quando pequeno. Sebastian Brant não apenas conhecia a facécia sobre Albino como também a versão de Esopo, tendo inclusive editado uma versão alemã de suas fábulas em 1501.

*Se alguém trata com injustiça e violência a um homem que nunca lhe causou qualquer dano, com isso ofende outros dez.*



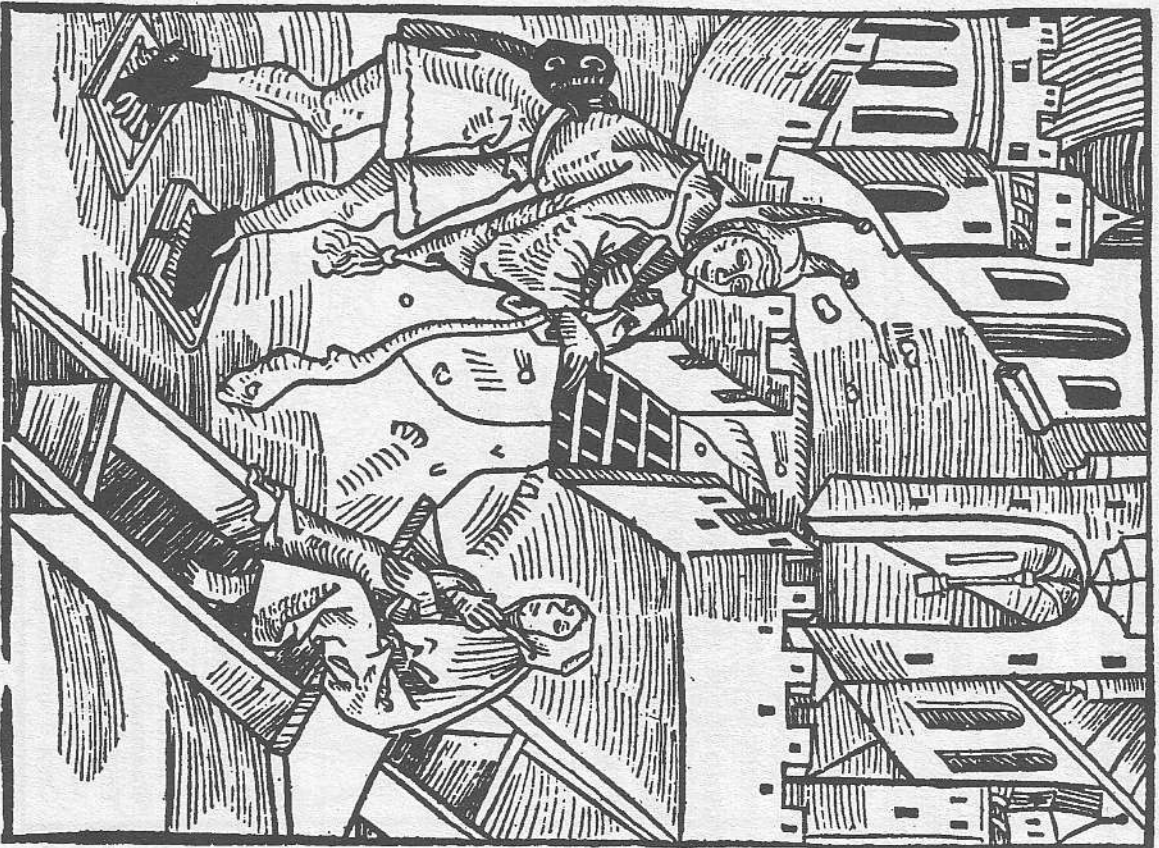
[10]

DA VERDADEIRA AMIZADE

É um insensato e grande néscio aquele que trata outra pessoa com injustiça, pois assim ameaçará muitos outros, que mais tarde irão se alegrar com a sua desgraça. Quem traz agravos a um amigo que nele depositou toda a sua esperança, lealdade e confiança é um néscio desprovido de discernimento. Não há mais pares de amigos como Jônatas e Davi,<sup>59</sup> Pátroclo e Aquiles, Orestes e Píladés, Demades e Pittas,<sup>60</sup> como o escudeiro e Saul<sup>61</sup> ou ainda Cipião e Lélío.<sup>62</sup> Onde há necessidade de dinheiro a amizade se desfaz; o amor ao próximo não é tão grande quanto manda a lei:<sup>63</sup> o egoísmo extingue a justiça, amizade, amor, as relações entre familiares, e a ligação entre homem e mulher. Hoje ninguém vive segundo o exemplo de Moisés ou possui tão grande amor ao próximo quanto ele ou como Neemias e o piedoso Tobias. Quem não valoriza o proveito comum tanto quanto o proveito próprio, que sempre busca, eu considero um simplório e atoleimado, pois o que é de todos também é de cada um. Caim vive agora entre ricos e entre pobres, lamentando a felicidade que teve Abel. Em tempos de necessidade, vinte e quatro amigos valem meia onça,<sup>64</sup> e dos que são melhores é preciso sete para pesarem um dracma.<sup>65</sup>

59. 1 Samuel 18 e 20.  
 60. A lenda de Damon e Fírtias (a grafia de Brant para os dois nomes é incommuni) teria origem em Siracusa, na época do tirano Dionísio II (séc. IV a.C.).  
 61. 1 Samuel 16, 21-23: Davi foi escudeiro de Saul e tocava harpa quando este era tomado por mau espírito.  
 62. Em *Diálogo sobre a amizade*, de Cícero (106-43 a.C.).  
 63. Mateus 23, 39.  
 64. Onça é uma antiga medida que equivalia a cerca de 16,7g. O sentido pretendido é o de que em tempos de penúria os amigos nada valem. O provérbio alemão aqui retomado pelo autor equivale a "É nos maus tempos que se conhecem os amigos".  
 65. Antiga medida de peso (correspondendo a 1,67g) usada no comércio.

*Quem acredita em todo e qualquer tolo, como tanto se  
ouve falar da Escritura, pode muito bem participar das  
bufonarias dos loucos.*



[11]

## DESPREZO PELA SAGRADA ESCRITURA

**P**arvo é quem não crê na Escritura, que trata da salvação, e pensa que pode viver como se não existisse nem Deus nem inferno, desprezando tanto os sermões quanto a doutrina, como se nada visse ou ouvisse. Se algum dos mortos se erguesse, todos correriam cem milhas até ele para ouvir novos relatos sobre o que sucede no inferno: se muitas pessoas lá têm chegado, se ali é possível provar novos vinhos e outras macaquices igualmente tolas. Temos, afinal, a Escritura, que tanto nos fala sobre a velha quanto a nova aliança, e não precisamos de nenhum outro testemunho, seja da capela, seja da eremita do gaiteiro de folies de Nickelshausen.<sup>66</sup> Deus afirmou sua verdade: “Quem aqui cai em pecado, lá sofre a penalidade, e quem aqui aceita a palavra de sabedoria, lá será agraciado por toda a eternidade.” Deus concedeu, e não há como duvidar disso, o poder de escutar ao ouvido, o poder de ver ao olho, de modo que é cego e surdo quem não ouve a sabedoria e não acredita nela, preferindo dar ouvido a novas histórias e lendas. Temo que logo virão os dias em que nos chegarão mais histórias do que é adequado ou prudente. Jeremias gritou e buscou ensinar, mas ninguém lhe deu atenção, assim como a outros sábios, o que deu causa a muitas calamidades e pragas.

66. O autor refere-se a Hans Böhme, pastor em Nickelshausen an der Tauber, cujo apelido era “gaiteiro de folies”. Em 1476, após liderar um levante de camponeses contra o Bispo de Würzburg, foi queimado na fogueira.

*Quem não prende bem a cilha antes de cavalgar e em tempo não toma as precauções sensatas é motivo de escárnio quando cai ao chão.*



[12]

## DO NÉSCIO IMPRUDENTE

Guale-se aos parvos aquele que diz: "Não pensei que isso pudesse acontecer!" Quem no tempo certo reflete sobre todas as consequências prende bem a sela antes de cavalgar. Quem pensa somente depois de agir, pode encontrar a solução tarde demais. Quem tem a ação como boa conselheira, ou é um homem muito experiente, ou segue o exemplo das mulheres, que prezam tal conselho. Tivesse Adão meditado antes de comer a maçã, não teria perdido o paraíso por causa de morrida tão pequena. Se Jônatas tivesse refletido melhor, não teria aceito a dádiva que Trifon lhe ofereceu com falsidade antes de assassiná-lo.<sup>67</sup> Em todas as contendas, Júlio César sempre teve bom conselho à mão, mas em tempos de paz e ventura, caiu no equívoco de não ler a carta que o alertava sobre o iminente perigo. Nicanor cometeu um pequeno erro de cálculo ao vender a caça antes de abatê-la,<sup>68</sup> o que lhe rendeu terrível derrota: foram-lhe cortados a língua, uma mão e a cabeça.<sup>69</sup> Um plano cheio de discernimento sempre é adequado a quem o elabora com antecedência. Muitos têm tamanha pressa que acabam por chegar atrasados; quem anda muito rápido pode tropeçar e cair. Asael, conhecido por seus passos ligeiros, foi derrubado por Abner e trespassado por sua lança.<sup>70</sup>

67. 1 Macabeus 12, 43.

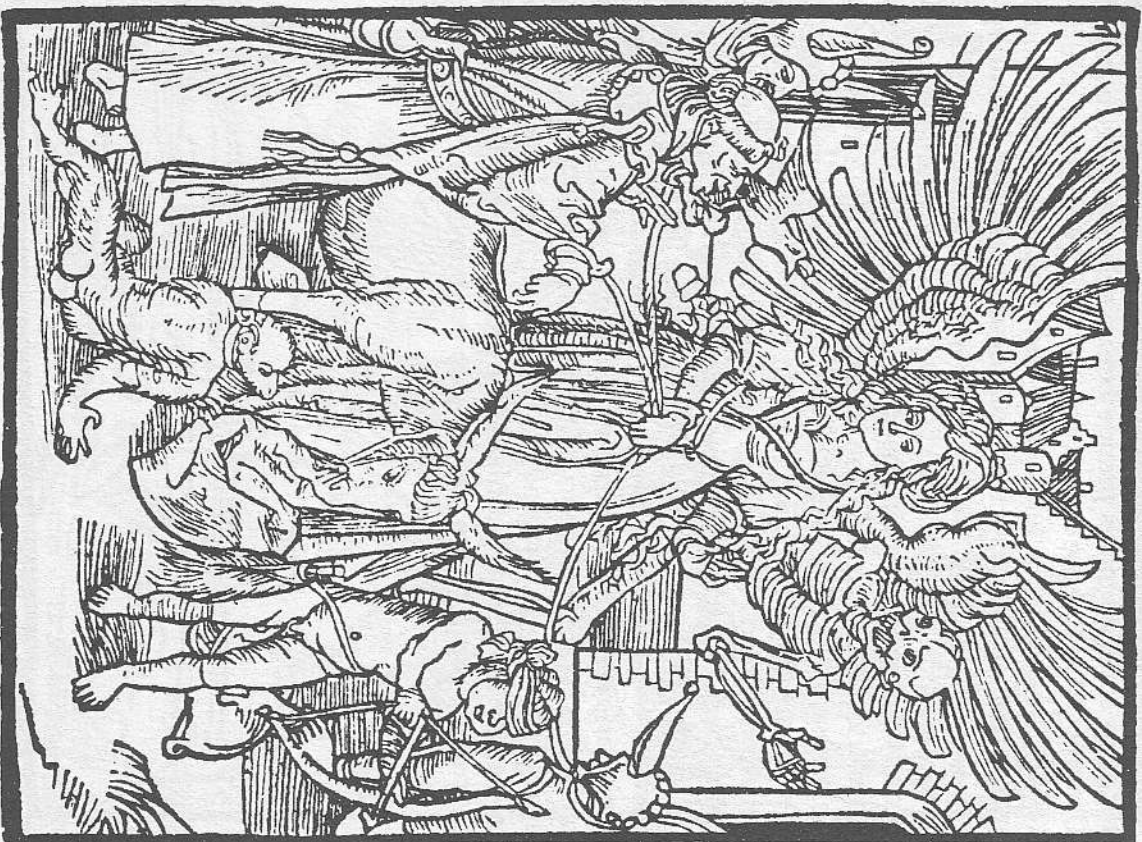
68. 2 Macabeus 8, 10-14: Nicanor negociou escravos judeus antes de capturá-los.

69. 2 Macabeus 15, 30.

70. 2 Samuel 2, 17-23.



*Amarrados por uma corda, arrasto atrás de mim simios, burros e toda sorte de imbecis. Eu os engano, iludo e seduzo.*



[13]

## DOS ARROUBOS AMOROSOS

Eu, Vênus com a bunda de palha,<sup>71</sup> não sou das menos importantes na caldeirada de néscios. Atraio uma multidão de parvos e faço de bobo quem eu quero; meus fregueses são tantos que é impossível nomeá-los a todos. Aquelles que já ouviram falar do estábulo de Circe, de Calipso, do jugo das sereias, podem imaginar como são imensos os meus poderes.<sup>72</sup> Aquelles que se consideram prudentes eu mergulho até o fundo na caldeirada de néscios, e quem já foi ferido por mim traz uma chaga que remédio algum é capaz de curar. Tenho um filho que é cego: nenhum apaixonado enxerga o que deveria fazer. Meu filho é um menino, não um homem: infantis são os expedientes dos apaixonados, que como crianças andam de um lado a outro sem juízo e sem arbítrio; e deles não se ouve uma só palavra de peso. Meu filho está nu e exposto à luz do sol, pois a paixão está sempre e por completo à vista. O amor indigno é volátil e não permanece por muito tempo em lugar algum, por isso meu filho tem asas. A paixão é volúvel, não havendo nada mais passageiro do que ela sobre a terra. Cupido traz sempre consigo um arco e em cada ombro uma grande aljava. Em uma delas estão setas com as pontas em forma de gancho; com elas acerta os parvos às dúzias, pois são aguçadas, rígidas, arqueadas, pungentes. Quem por elas é atingido perde toda a razão e discernimento e junta-se à ciranda dos loucos. Na outra aljava estão as setas pesadas, com pontas arredondadas e recobertas de chumbo. Elas acertam dois ao mesmo tempo: um é ferido, o outro é afugentado. Quem foi alvo da mão certaia de Cupido, logo é incendiado por seu irmão, Amor. Esse fogo, que ninguém consegue controlar, outrora tomou a vida de Dido e levou Medeia a sacrificar com as

71. Símbolo da sensualidade inflamável.

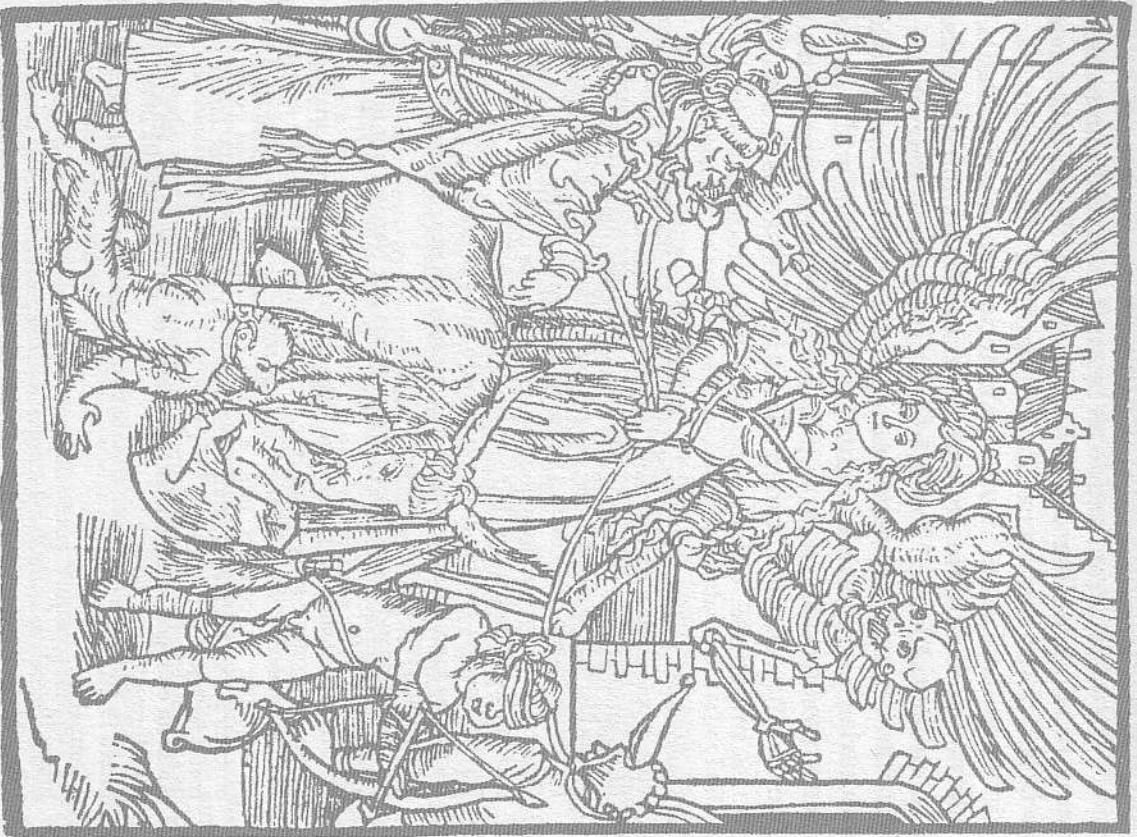
72. Figuras da *Odisséia* (Homero) e *As metamorfoses* (Ovídio): Circe transformou os companheiros de Ulisses em animais; Calipso manteve-o prisioneiro por sete anos; as sereias atraíam com seu canto os marinheiros, que morriam afogados.

próprias mãos tanto o irmão quanto os filhos.<sup>73</sup> Sem essas chamas, Tereus<sup>74</sup> não seria uma poupa, Pasífae evitaria o touro,<sup>75</sup> Fedra não teria seguido Teseu nem buscado a desonra com seu enteado,<sup>76</sup> Nesso não teria recebido um golpe fatal,<sup>77</sup> Troia não seria atingida por tamanha desgraça, Cila não teria tocado nos cabelos do pai,<sup>78</sup> Jacinto não seria uma flor,<sup>79</sup> Leandro não teria mergulhado no mar,<sup>80</sup> Messalina teria conservado a castidade,<sup>81</sup> Marte não teria sido aprisionado com sua amante,<sup>82</sup> Prócris teria evitado as folhagens,<sup>83</sup> Safo não teria se atirado dos rochedos,<sup>84</sup> as sereias não teriam naufragado tantos barcos, Circe não impediria a passagem das embarcações, Cíclope e Pã não se lamentariam,<sup>85</sup> Leucótea não seria um incen-

73. Dido, rainha de Cartago, cometeu suicídio após ser abandonada por Eneias; Medeia matou o irmão para facilitar sua fuga com Jasão; mais tarde, ao ser repelida pelo amado, matou os filhos que tivera com ele.
74. Tereus estuproou sua cunhada, Filomela, e cortou-lhe a língua para silenciá-la. A esposa, Proone, descobriu o crime, matou o próprio filho (his) e serviu-o ao marido como punição. Enfurecido, Tereus perseguiu as irmãs, sendo transformado pelos deuses em pupa.
75. Da união de Pasífae com um touro enviado por Netuno à ilha de Creta, nasceu o Minotauro, monstro metade homem, metade touro.
76. Fedra apaixonou-se por Hipólito, filho de Teseu com uma amazona. O amor não correspondido levou à morte de Hipólito e ao suicídio de Fedra.
77. O centauro Nesso tentou violentar Dejanira, sendo morto por Hércules.
78. Cila apaixonou-se por Minos quando este tentava conquistar a cidade de Mégara, governada pelo rei Niso. A fim de garantir a vitória de Minos, ela cortou os cabelos do pai, que o tornavam invencível.
79. Jacinto, amado de Apolo, foi acidentalmente morto por ele, que o transformou na flor de mesmo nome.
80. Leandro era apaixonado por Hero, sacerdotisa de Vênus, e todas as noites atravessava o mar a nado para encontrar a amada, que o guiava com uma lâmpada. Certa noite a lâmpada foi apagada pela tempestade e Leandro morreu afogado.
81. Messalina foi casada com o imperador romano Cláudio, tendo tido grande quantidade de amantes.
82. Quando o deus Marte estava no leito com Vênus, Vulcano prendeu a ambos em uma rede de bronze para ridicularizá-los diante dos demais deuses.
83. Duvidando da fidelidade do marido, Céfalos, Prócris escondeu-se entre arbustos para vigiá-lo durante a caça e foi acidentalmente atingida por uma seta.
84. Devido a um amor não correspondido.
85. O cíclope Políemo teve seu único olho furado por Ulisses; a flauta de Pã era uma recordação de seu amor não correspondido pela ninfeta Siringe.

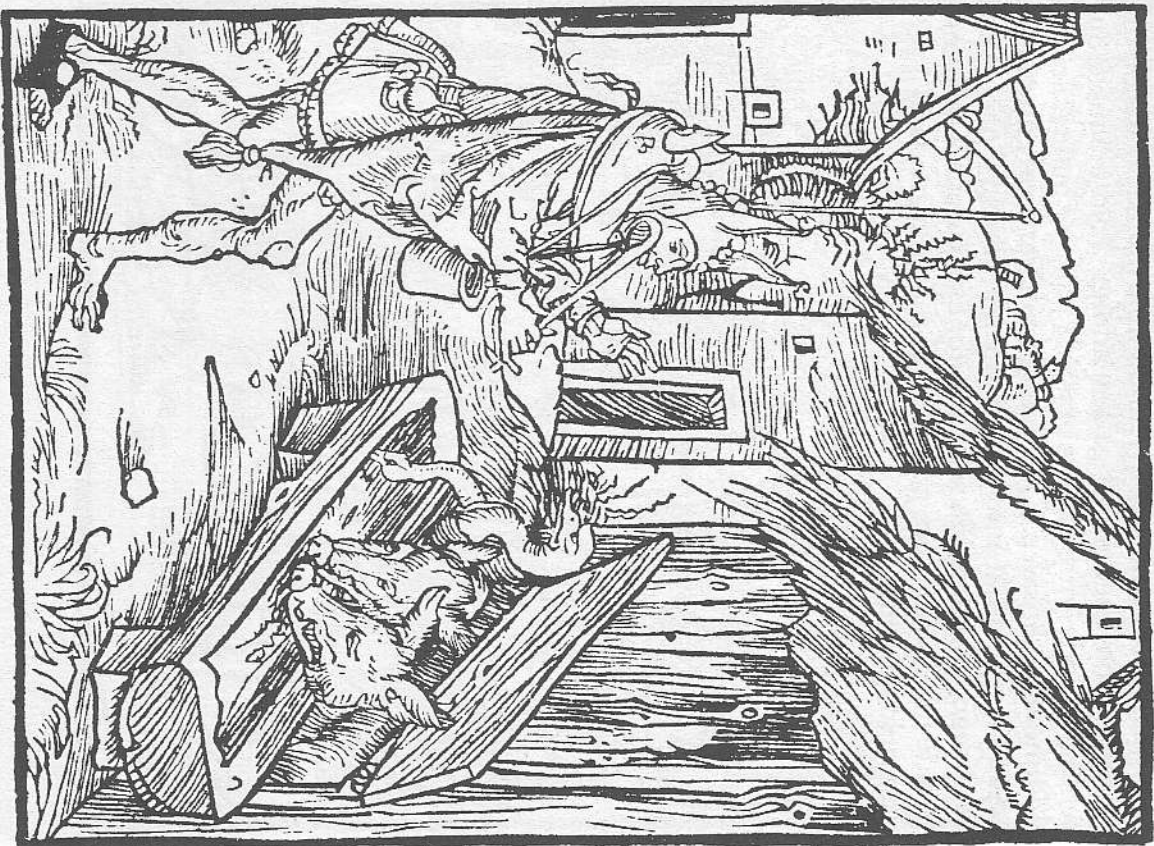
80,<sup>86</sup> Mirra não carregaria Adônias no ventre,<sup>87</sup> Btblis não teria amado o irmão,<sup>88</sup> Dânae não teria sido fecundada pelo ouro,<sup>89</sup> Nieltmene não fugiria pela noite adentro,<sup>90</sup> Eco não seria uma voz,<sup>91</sup> Tisbe não teria tingido as bagas,<sup>92</sup> Atalanta não sofreria como leoa,<sup>93</sup> a mulher do levita não estaria desonrada e nem teria levado uma tribo inteira à destruição,<sup>94</sup> Davi ignoraria o banho de Bate-Seba,<sup>95</sup> Sansão não teria confiado em Dalila,<sup>96</sup> Salomão não adoraria ídolos,<sup>97</sup> Amnom não teria feito nenhuma maldade à irmã,<sup>98</sup> José não teria sido, como Belerofonte e Hipólito, acusado injustamente,<sup>99</sup> o sábio não teria servido de montaria,<sup>100</sup> Virgílio não penderia da torre,<sup>101</sup> e Ovídio contaria com as boas graças do imperador se não tivesse ensinado a arte do amor. Muitos homens poderiam ser sábios se a paixão não os impedisse. Quem conquista boas credenciais junto às

86. Leucótea era amada por Apolo, o que enfureceu seu pai, que a enterrou viva. Apolo então a transformou na árvore do incenso.
87. Mirra amava o pai e conseguiu dele engravidar sem que o mesmo soubesse de sua identidade. Quando ele descobriu a verdade, perseguiu a moça, que foi transformada pelos deuses na planta de mesmo nome.
88. Cauno ficou horrorizado quando descobriu o amor incestuoso de sua irmã gêmea e fugiu para longe. Btblis então enlouqueceu.
89. Júpiter assumiu a forma de chuva de ouro antes de unir-se a Dânae.
90. Nieltmene fugiu durante a noite para escapar do amor incestuoso do pai, sendo transformada por Atenas em coruja.
91. Eco foi definhando ao não ser correspondida por Narciso, por fim, restou apenas sua voz.
92. Ovídio (*As metamorfoses*) relata que Tisbe e Piramo se amavam, mas apenas podiam encontrar-se secretamente, pois as duas famílias não aceitavam seu casamento. Pensando que a amada morrera, Piramo mata-se. Tisbe, ao descobrir seu cadáver, toma a adaga e suicida-se junto ao pé de uma amoreira. Desde então a amora teria frutos da cor do sangue (antes suas frutas teriam sido brancas).
93. Atalanta entregou-se ao marido no templo de Júpiter, sendo então ambos transformados em leões.
94. Juízes 19-20.
95. 2 Samuel 11.
96. Juízes 16.
97. 1 Reis 11.
98. 2 Samuel 13.
99. Gênesis 39.
100. Aristóteles teria se deixado selar e montar por uma moça a quem amava.
101. Uma moça o teria feito passar a noite em um cesto amarrado abaixo de sua janela.



mulheres tem sua consciência reduzida a cinzas e não consegue servir inteiramente a Deus. Quem muito se deixa arrastar pela paixão torna-se vítima de chacota e, independentemente de sua condição social, cobre-se de humilhação e parvoíce. O mais escandaloso, porém, é quando uma mulher velha ou um homem velho querem ser galanteadores. Tolo é aquele que pensa que pode entregar-se à brasa da paixão e manter seu comedimento e sensatez. É impossível cultivar a sabedoria e ao mesmo tempo amar intempetivamente. O apaixonado sempre é cego, mas acredita ser discreto. Esta é a mais poderosa erva de insensatez e um gorro que se mantém grudado à pele por um longo tempo.

*Quem considera Deus misericordioso, sem também considerá-Lo justo, tem a sensatez de um ganso ou de um porco.*



[14]

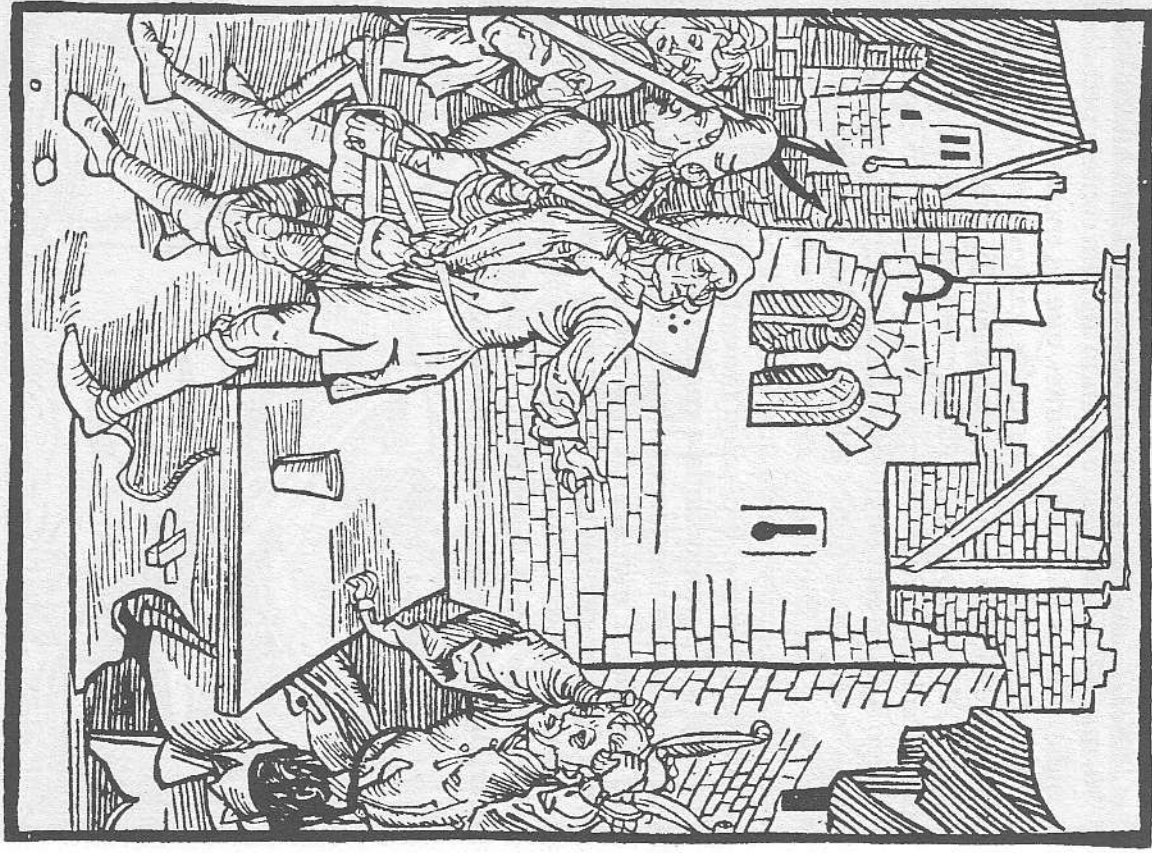
## DA INSOLÊNCIA CONTRA DEUS

Cobre-se de banha de burro e traz uma lata em torno do pescoço,<sup>102</sup> aquele que ousa afirmar que Deus é misericordioso, mas não Se encoleriza quando alguém comete pecados, considerando-os tão insignificantes que os encara como algo totalmente humano. Não foi para os gansos que Deus destinou o esplendor do reino celestial; e sempre foram cometidos pecados, não sendo hoje que tudo começou. A Bíblia ele sabe recitar, e muitas outras histórias, mas não quer enxergar que o castigo sempre está escrito por toda parte, com pragas e vin-ganças, e que Deus nunca tolerou receber um tapa na face. Deus não é um boêmio ou tártaro, mas a linguagem desses povos Lhe é clara, e, ainda que Sua clemência seja tão vasta que não tenha número, peso ou tamanho, Sua justiça permanece infalível e proporciona o castigo por toda a eternidade para aqueles que não fazem o certo, atingindo amíúde até a nona geração. A indulgência não pode perdurar se a justiça divina desaparecer. É verdade que o céu não é dado aos gansos, mas tampouco entrará no reino celestial uma vaca,<sup>103</sup> um insensato, um símio, burro ou porco, pois o que está nas fileiras do diabo não é aceito em outros lugares.

<sup>102</sup> Ver estampa 14.

<sup>103</sup> Em língua alemã há diversas expressões que associam a vaca e o ganso, além do burro, à estupidez ou falta de inteligência.

*Quem quer erguer uma construção, que estabeleça quanto pode pagar; senão perderá de vista o tamanho da conta.*



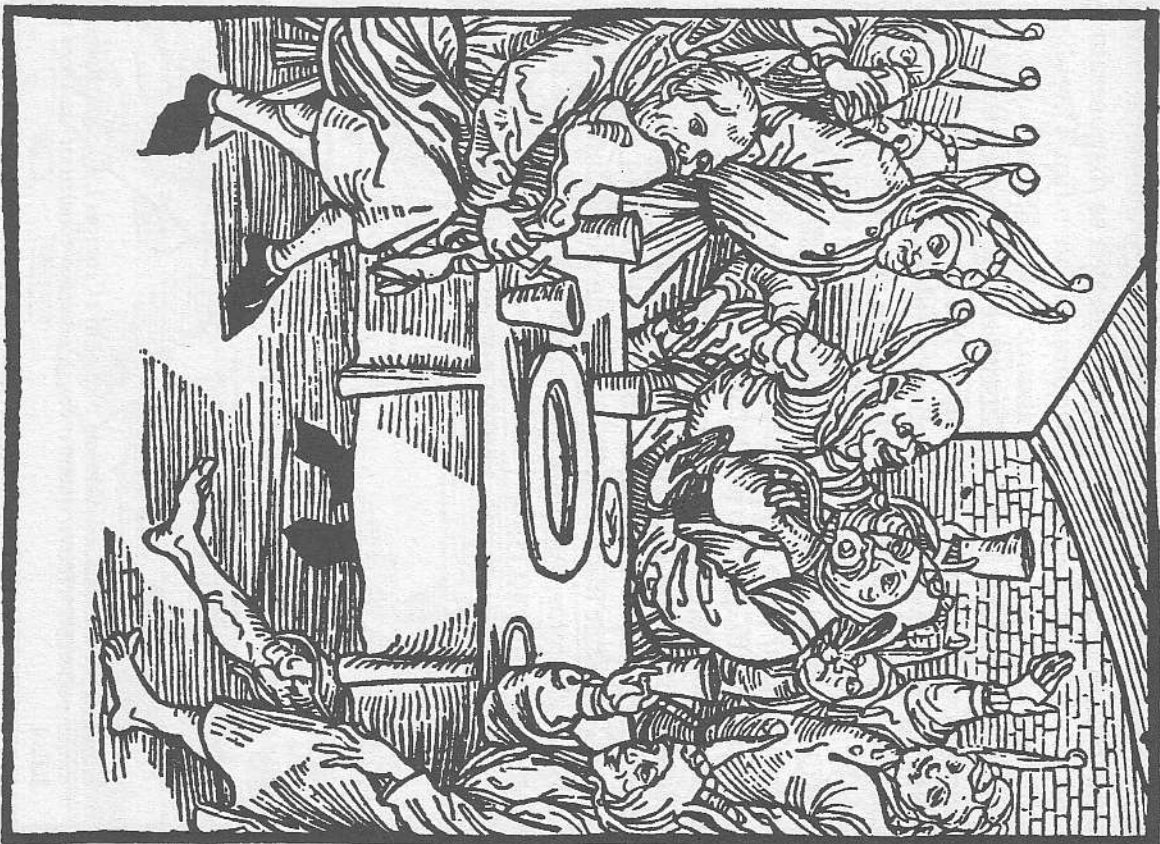
[15]

## DOS PLANOS DISPARATADOS

É um tolo aquele que pretende erguer uma construção e não estabelece de antemão quanto pode pagar e se de fato consegue realizá-la conforme o plano. Muitos já se dispuseram a fazer grandes obras e não conseguiram ir até o fim. O rei Nabucodonosor certa vez ousou afirmar que edificou a grande cidade de Babilônia, mas logo aconteceu de ficar estirado no campo, como uma vaca no pasto.<sup>104</sup> Nimrod quis edificar até as nuvens uma torre que resistisse às tempestades, mas não calculou as dificuldades e não viu que sua ideia era impossível.<sup>105</sup> Nem todos são tão hábeis construtores como Lúcio.<sup>106</sup> Quem não deseja arrepende-se, que reflita com cuidado antes de iniciar uma construção, pois muitos são tomados de arrependimento quando já é tarde demais e chegou a hora de pagar. Quem quer empreender algo grande deve estar seguro de conseguir chegar ao termo do que planeja a fim de não ser vítima da má sorte e tornar-se motivo de riso das pessoas. O melhor é não dar início a nada em vez de sofrer danos, humilhações e chacotas. As pirâmides custaram caro, assim como o labirinto junto ao Nilo,<sup>107</sup> mas já desapareceram há muito. Nenhuma construção do mundo consegue durar por longo tempo!

<sup>104</sup> Daniel 4, 26-30.  
<sup>105</sup> Nimrod é apresentado em Gênesis 10, 8 e em 1 Crônicas 1, 10 como homem muito poderoso. Houve quem o considerasse o construtor da torre de Babel.  
<sup>106</sup> Lúcio Lúculo (aprox. 118-56 a.C.) foi general e político romano. Construiu uma mansão extremamente luxuosa e imponente.  
<sup>107</sup> Essa localização do labirinto é dada por Plínio em *Historia naturalis*, XXXVI, 84 (aprox. 77 d.C.).

*Mercida pobreza acomete os que cedem continuamente à gula e se associam aos dissipadores.*



[161]

## DA GULA E VIDA DESENFREADA

Calça os sapatos de pateta quem passa os dias e noites sem descanso, planejando como encherá a boca e a pança, convertendo-se em um canal, como se tivesse nascido para desperdiçar muito vinho, devastando-o diariamente. Este tem lugar garantido na nau dos insensatos, pois destrói o juízo e os sentidos. Isso ele perceberá na idade avançada, quando lhe tremem as mãos e a cabeça. Sua vida é assim abreviada, e seu fim adiantado. O vinho é uma coisa nociva, que destrói o bom-senso de quem nele busca alegria. Uma pessoa bêbada não tem respeito por ninguém, nem tem senso de medida ou noção do que faz. O desregramento acompanha a embriaguez, que traz muitos outros males, tendo bom discernimento apenas quem bebe com parcimônia. O próprio Noé não suportava o vinho, mas o encontrou e plantou.<sup>108</sup> Por causa do vinho, Ló incorreu em pecado duas vezes,<sup>109</sup> e o vinho fez João Batista ser decapitado.<sup>110</sup> O vinho convence o homem prudente a usar o gorro dos tolos. Quando Israel se sentia bem e com o estômago cheio, começaram as ações impuras e a dança infernal.<sup>111</sup> Por isso Deus ordenou aos filhos de Arão<sup>112</sup> que se abstivessem do vinho e de tudo que embriaga, mas os sacerdotes pouca atenção deram a isso! Quando Holofernes estava embriagado, perdeu tanto a barba quanto a cabeça.<sup>113</sup> Tamíris precisou de comida e bebida quando forçou o rei Cirro,<sup>114</sup> e Ben-Hadade tinha sido derrubado pelo vinho quando lhe tiraram todas as suas posses.<sup>115</sup> Quando bebia, Alexandre es-

108. Gênesis 9, 20-21.

109. Gênesis 19, 33-38.

110. Marcos 6, 17-29.

111. Ao redor do bezerro de ouro - Êxodo 32.

112. Levítico 10, 9.

113. Judite 12, 21; Judite 13, 9.

114. A fonte provável é Heródoto. Ao contrário do que diz Brant, Cirro derrotou o exército da rainha Tamíris com um artil. Fingiu abandonar a cidade, deixando para trás grande quantidade de comida e vinho. Quando os soldados estavam bêbados, retornou e matou todos, capturando o general, filho de Tamíris. Quando este acordou do torpor causado pela bebida, matou-se. Mais tarde Tamíris teria derrotado Cirro.

115. 1 Reis 20, 16ss.



quecia-se por completo de sua honra e virtude, e disso mais tarde sempre se arrependia. O rico bebe como um bom companheiro de copo e, na manhã seguinte, come no inferno;<sup>116</sup> o homem poderia ser livre, deixando de ser um servo, se o vinho e a embriaguez desaparecessem. Quem ama o vinho e os nacos gordos não pode ser rico nem bem-aventurado.<sup>117</sup> Ai dele e de seu pai! Sempre se envolverá em contendas e desgraças aquele que enche a pança como um boi, que quer beber a saúde de todos e que responde a todos os brindes. Quem bebe muito vinho sem necessidade, assemelha-se àquele que adormece no mar e jaz sem sentidos e indefeso:<sup>118</sup> assim fazem os que somente pensam em esbórnias, em comer e beber dia e noite. Se o estalajadeiro os trata como fregueses e lhes traz uma posta e um quarto de vaca, além de amêndoas, figos e arroz, eles provavelmente pagarão no dia de São Numa. Muitos poderiam tornar-se de pronto sábios, se a sabedoria estivesse dentro do vinho que emborram na goela sem descanso. Cada qual bebe em homenagem do outro: "Um viva para ti! – Tu mereces!" A isso responde o outro: "Espera, que também retribuo, até estarmos empanturrados os dois!" Isso agrada aos que são parvos completos! Um no copo, dois no papo; bem melhor seria uma corda no pescoço. Tamanca gluttonaria é reslucada, como Sêneca já previa quando escreveu em seus livros que um dia o ébrio receberia mais honras do que um sobrio, e que a maior fama seria daquele que se embriagou de vinho. Também me refiro aqui aos bebedores de cerveja, quando alguém consegue beber sozinho um tonel, ficando tão cheio que poderia ser usado para arrombar uma porta. Um insensato precisa beber sem limites; um sábio pode beber com temperança e isso é muito mais saudável do que não ter limites. O vinho entra no corpo com suavidade, mas ao final morde como serpente e despeja seu veneno no sangue,<sup>119</sup> assim como faz o basilisco.<sup>120</sup>

116. Lucas 16, 19-24.

117. Provérbios 21, 17.

118. Provérbios 23, 34.

119. Provérbios 23, 31-32.

120. Chatura fabulosa, com corpo de serpente e olhar fatal.

*Quem tem posses e com elas se deleita, mas não quer compartilhá-las com os pobres, terá as suas próprias súplicas recusadas.*



[17]

## DA RIQUEZA INÚTIL

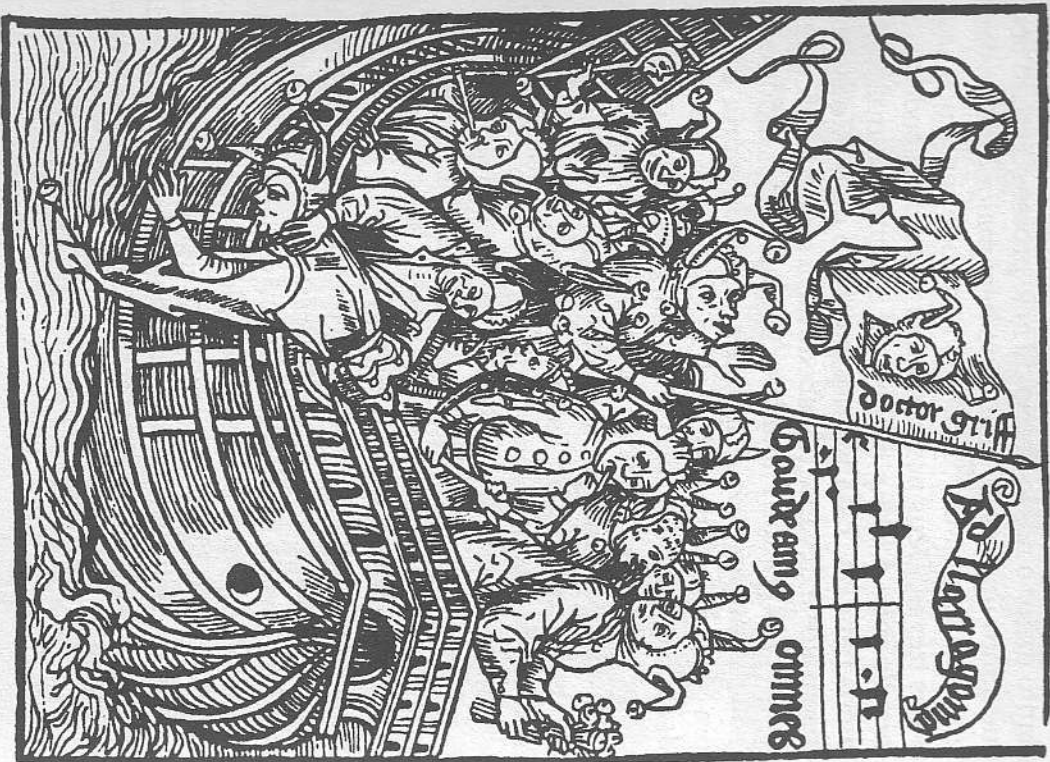
A maior tolice do mundo é o dinheiro ser mais glorificado do que a sabedoria, e que se estime em primeiro lugar o homem rico. Ele, que tem guizos pendurados nas orelhas, deveria ser o único conselheiro, pois tem muito a perder. De cada qual, o mundo acredita apenas o equivalente ao dinheiro que ele carrega no bolso: o senhor *Pfenning*<sup>121</sup> há de vir sempre à frente. Caso Salomão ainda vivesse, e fosse um pobre tecelão ou tivesse o saquinho de moedas vazio, não seria admitido no Conselho. Convidam-se os ricos para a mesa, e eles são servidos de animais de caça, aves, peixes e recebem toda sorte de gentilezas, enquanto o pobre fica temeroso à porta e à minigua. Ao rico diz-se: "Servi-vos, senhor!" Oh, *Pfenning*, tu recebes as deferências e consegues conquistar as boas graças de muitos: quem tem *Pfenninge* é premiado com muitos amigos, recebe cumprimentos e é saudado por todos. Se alguém pede a mão de uma moça em matrimônio, a primeira pergunta é: "Quanto ele possui?" A ninguém mais importa a honestidade ou então o decoro, o saber, a sensatez? Todos preferem alguém do grênio dos paspalhos que tenha algumas migalhas para mergulhar no leite, ainda que seja um rufião. Não têm valor a ciência, a honra, a circunspeção quando o *Pfenning* está em falta. Quem é surdo aos rogos dos pobres não será ouvido por Deus, não importa com quanta força bata à porta.<sup>122</sup>

<sup>121</sup> Pequena moeda de cobre. Aqui ela está sendo usada como personificação da riqueza em si. O plural de *Pfenning* é *Pfenninge*.

<sup>122</sup> Provérbios 21, 13.



Companheiros, vinde já para cá! Iremos partir para a terra da Cocanha, <sup>668</sup> embora estejamos presos na lama e na areia.



668. A Cocanha é um lugar fabuloso, que se caracteriza pela fartura de comes e bebes, que estão à disposição de todos, bastando servir-se. O país da Cocanha já é mencionado na Bíblia (Deuteronômio 6, 3) e pelos gregos antigos, como Luciano de Samósata (aprox.120-180 d.C.). Durante a Idade

[108]

Não pense que nós insensatos estamos sozinhos: temos irmãos grandes e pequenos. Em todas as terras nosso número é infinito e percorremos todas as regiões e lugares, da Imbecilîtônia à Cocanha, e rumamos do Monte-dos-Embragados à Insensatolândia. Seguimos em busca de todos os portos e costas arcando com grandes prejuízos, e no entanto não conseguimos encontrar uma praia onde possamos desembarcar. Nossa jornada não tem fim, pois ninguém sabe aonde devemos ir; não podemos descansar nem de dia, nem de noite, e mesmo assim nenhum de nós dá atenção à sabedoria. Estamos em companhia de muitos confrades, parceiros e cortesãos que sempre seguem atrás de nosso cortejo e ao final subirão ao navio para viajar conosco em busca de lucro. Ainda que não tenhamos bom-senso, sabedoria ou discernimento, nossa desocupada viagem é repleta de preocupações, pois quem haveria de olhar, consultar e examinar cartas marítimas e bússola ou ponderar sobre o curso da ampulheta? Quem se disporia a verificar as estrelas para localizar onde estão o Boieiro e a Ursa, ou ainda Arcturo e Híades?<sup>669</sup> Por isso, encontramos as Simplégades,<sup>670</sup> e os rochedos se lançaram contra nosso navio, golpeando os dois flancos e deixando-o em pedaços, de modo que poucos conseguiram salvar-se dos destroços. Atravessamos as ondas da má fortuna em nossa tentativa de chegar em

Média, a Cocanha aparecia com frequência nas farsas de carnaval. Pieter Brueghel, o Velho, retratou esse lugar de ócio e abundância no quadro *O país da Cocanha* (1567), no qual três homens – um cavaleiro, um camponês e um estudioso – descansam debaixo de uma mesa farta, onde aparentemente caíam por terem comido em excesso. Entre os contos populares coligidos pelos Irmãos Grimm (1812/1815) está “A Terra de Cocanha” [“Das Märchen vom Schlauffentland”]. Mais recentemente, *No país da Cocanha* [in *Schlaufruffentland*] é título do romance publicado em 1900 por Heinrich Mann.

669. Boieiro (ou Boões) e Ursa são constelações. Arcturo (ou Arcturus) é a estrela mais brilhante da constelação do Boieiro. As Híades são um aglomerado de estrelas na constelação de Touro.

670. As Simplégades ou Rochas Flutuantes são duas ilhas no estreito do Bósforo. Conforme a mitologia (*Odisséia*, XII; e *As metamorfoses*, XV), as duas rochas esmagavam os navios que tentavam atravessar o estreito. Quando jásão e os argonautas conseguiram passar ilesos, as rochas tornaram-se imóveis.

terra, mas Cila, Caribdis<sup>671</sup> e Sirtes<sup>672</sup> nos colocaram fora da trilha correta. Não é de admirar, portanto, que tenhamos avisado muitos animais fabulosos no mar, como golfinhos e sereias,<sup>673</sup> que cantam doces cantilenas e nos fizeram dormir tão profundamente que não há esperança de aportamos em terra. Vimos ainda o Cíclope<sup>674</sup> com seu olho redondo, o qual Ulisses cegou com muita astúcia; isso impediu o Cíclope de encontrá-lo e de causar maiores danos do que levantar um grande berreiro e ficar com os ares de boi maltratado por forte surra. O matreiro escapou-se em silêncio, deixando-o gritar, lamentar-se e chorar e até arremessar grandes pedras. Esse mesmo olho irá crescer e ficar grande novamente; tão logo aviste a multidão de insensatos, Cíclope irá escancarar tanto o olho até que ele fique do tamanho do rosto inteiro; com a enorme boca, alcançando de orelha a orelha, engolirá uma grande quantidade de néscios. Os demais, que fugirem de sua perseguição, logo serão alcançados por Antífates e seu povo, os lestrigões,<sup>675</sup> que certamente não pouparão os insensatos, já que nunca comem outra coisa além de carne de palermas, e bebem sangue em vez

671. Na mitologia greco-romana, Cila e Caribdis eram dois seres monstruosos que moravam em rochedos perto de Messina (imediações do estreito que separa a Sicília do continente). Em português há várias expressões com esses monstros, a exemplo de “Vamos de Cila em Caribdis” (ou seja, vamos de mal a pior) e “Carir em Cila ao fugir de Caribdis” (i.e., tentamos escapar de um perigo e caímos em outro). Camões, em *Os Lusíadas*, recorre ao mito de Cila e Caribdis nos Cantos II, 45; III, 32; VI, 24. Em Homero, ver *Odisseia*, XII.

672. Duas baías no norte da África com correntezas muito fortes, que eram temidas pelos antigos marinheiros gregos.

673. Para os antigos gregos, as sereias eram criaturas monstruosas, com cabeça de mulher e corpo de pássaros, que habitavam uma ilha do Mediterrâneo, próximo da Itália. Segundo Homero (*Odisseia*, X), Ulisses conseguiu sobreviver ao canto mortal das sereias porque fez seus companheiros fecharem os ouvidos com cera, enquanto ele próprio foi amarrado ao convés do navio, o que o impediu de atrair-se às águas e morrer atógrado, como as demais vítimas dos monstros. Na arte, porém, as sereias costumam ser retratadas como belas mulheres com caudas de peixe, conforme vemos, por exemplo, no quadro “Ulisses e as sereias” (1909), do inglês Herbert J. Draper.

674. Gigante com um único olho no centro da testa, cont. Homero, *Odisseia*, IX.

675. Antífates é o rei de um povo de canibais – ver Homero, *Odisseia*, X.

de vinho. Lá os tolos encontrarão uma boa pousada! Homero inventou tudo isso para que as pessoas deem ouvidos à sabedoria e não se aventurem inopinadamente no mar. Com isso ele muito elogia a Ulisses, que providenciou sábios conselhos e planos durante a Guerra de Troia e, dez anos mais tarde, durante sua bem-sucedida viagem por todos os mares. Quando Circe<sup>676</sup> usou uma poção mágica para dar a seus companheiros a forma de animais, Ulisses foi sábio e não aceitou comida ou bebida até sobrepujar a malévola e desencantá-los com uma erva chamada moli.<sup>677</sup> De muitas dificuldades escapou o astuto, graças a sua sabedoria e prudência, mas como insistia em viajar, não ficava em segurança por muito tempo: ao final, um forte vento contrário despedaçou seu navio e todos os seus companheiros pereceram afogados, indo para o fundo do mar os remos, as velas e o navio inteiro. No entanto, sua sabedoria veio em seu auxílio, de modo que ele nadou sozinho e desnuado até a terra firme, sobreviveu e ainda narrou suas desdidas a muitos, mas foi assassinado pelo filho ao bater em sua própria porta<sup>678</sup>; nesse momento, a sabedoria não pôde prestar-lhe um serviço. Em seu palácio, ninguém o reconheceu como seu senhor, exceto seus cães, e ele morreu porque não quiseram reconhecê-lo, como seria justo. Com isso retorno a nossa viagem: em busca de ganhos entramos nesta lama, que em breve nos levará à desgraça final, pois estão quebrados nosso mastro, velas e cordas, e não podemos navegar no mar com suas ondas traiçoeiras; quando alguém pensa estar subindo, acaba empurrado para baixo. O vento nos arremessa para lá e para cá: a nau dos tolos nunca retornará depois de ter afundado de vez. Nós não temos nenhum juízo ou sensatez para nadar até a costa, como fez Ulisses depois de sua desgraça, que ao che-

676. A feiticeira Circe, que transformou Cila em monstro (ver nota 671), morava na ilha de Ea (atualmente um promontório italiano chamado Circeu) cercada de animais, que eram os humanos que haviam sido vítimas de sua magia. Circe transformou os companheiros de Ulisses em porcos (*Odisseia*, X e XII) e assim postergou a partida do herói.

677. Homero, *Odisseia*, X.

678. De acordo com algumas versões, Ulisses teve um filho, Telégono, com Circe.

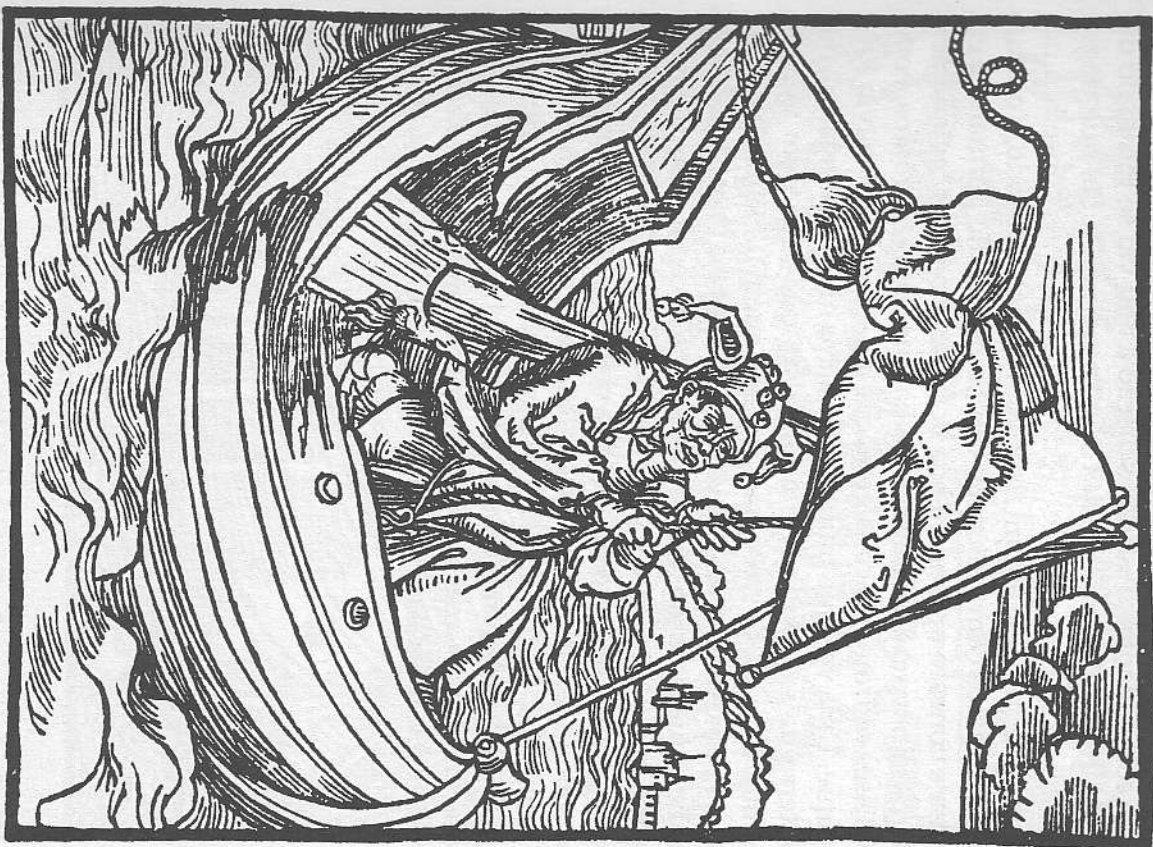


gar desnudo trazia consigo mais do que perdera ou encontrou em casa. Navegamos na borda escorregadia do infortúnio, as ondas se arremessam sobre o navio e arrastam consigo muitos dos botes, levando também os marinheiros, e logo será a vez dos comandantes. A cada oscilação a nau vai se tornando deserta, podendo estar prestes a encontrar um tufão que trague o navio e seus ocupantes. Toda a ajuda e bons conselhos nos abandonaram; em algum momento iremos ao fundo, e o vento empurrar-nos com violência. Um homem sábio permanece em casa e conosco aprende a boa lição de não partir levianamente para o mar, a menos que saiba lutar com os ventos, como Ulisses outrora, ou consiga nadar até a costa se o navio for a pique. Uma vez que muitos insensatos morrem afogados, que a terra da sabedoria seja nosso alvo; que cada qual tome os remos nas mãos e saiba para onde ir; quem for sábio chegará à terra como deve, mas há insensatos de sobra! O mais prudente sabe o que fazer e o que não fazer, não necessitando de instruções; por si mesmo ele valoriza a sabedoria. Também é sábio quem ouve os outros e aprende com eles bons ensinamentos e sabedoria; mas quem não sabe nada pertence à multidão de néscios. Se não for acolhido neste navio, logo entrará no próximo, onde terá abundante companhia para cantar a *Gaudemus*<sup>679</sup> ou a canção dos néscios.<sup>680</sup> Muitos irmãos ainda devem estar lá fora, mesmo que o navio esteja prestes a afundar.

679. *Gaudemus* ou *De Brevitare Vitae* ["Sobre a brevidade da vida"] é uma conhecida canção estudantil, surgida no séc. XIII.

680. Ver capítulo "Dos insensatos grosseiros".

*Um insensato é aquele que não entende que precisa prevenir-se contra os infortúnios com sabedoria: a calamidade não deve ser menosprezada.*



[109]

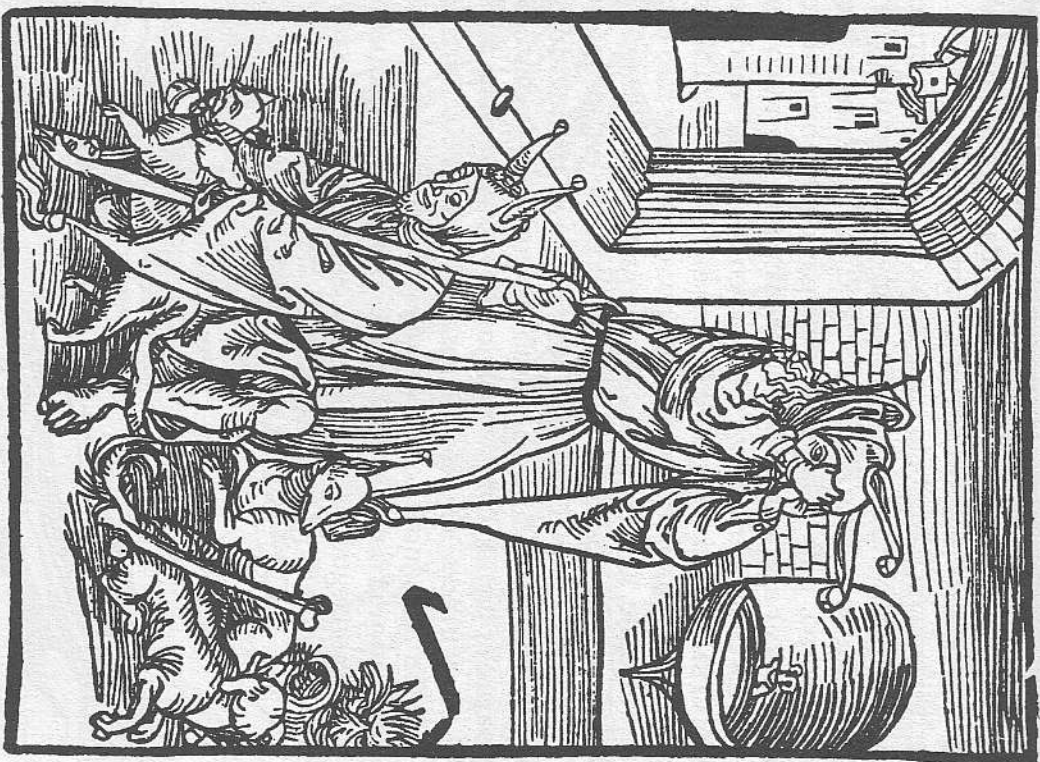
## DO DESDÉM PELO INFORTÚNIO

**H**á muitos que abominam o infortúnio e, no entanto, vão ao seu encalço como loucos; por isso, não devem surpreender-se quando seu barco afunda. Ainda que a desgraça seja pequena, raramente vem sozinha, conforme diz o velho ditado: “A miséria e o cabelo crescem todos os dias.” Portanto, deve-se alterar o início, já que ninguém sabe como será o final. Aqueles que se aventuram a adentrar o mar precisam ter sorte e bom tempo, pois quem quer navegar contra o vento logo pode começar a recuar. O sábio apenas veleja quando o vento sopra pela popa; o insensato pode repentinamente emborcar o navio. O sábio segura o lenne com firmeza e vai com facilidade rumo à terra firme; o tolo não sabe guiar o navio e não é raro que naufrague. O sábio orienta os demais e a si mesmo; o palerma põe tudo a perder antes de saber o que está acontecendo. Se em alto mar Alexandre não tivesse se conduzido pela sabedoria e se guiado pelo tempo, defendendo-se das ondas que se precipitavam contra o navio, teria se afogado no mar ao invés de morrer de vinho envenenado. Pompeu<sup>681</sup> usufruiu de grande fama e honras por ter expurgado os mares dos piratas, mas no Egito encontrou sua ruína. Aqueles que têm sabedoria e virtude conseguem nadar desnudos para a terra: assim diz Sebastian Brant.<sup>682</sup>

681. Ver nota 163.

682. A menção ao nome do autor indica que, inicialmente, este trecho devia concluir o livro, de modo que os capítulos “A difamação do bom”, “Desculpa do poeta” e “O homem sábio” foram acrescidos posteriormente e funcionam como epílogos.

*Muitos insensatos falam calúnias de todo mundo e penduram o sino no pescoço do gato,<sup>683</sup> mas não sustentam sua palavra.*

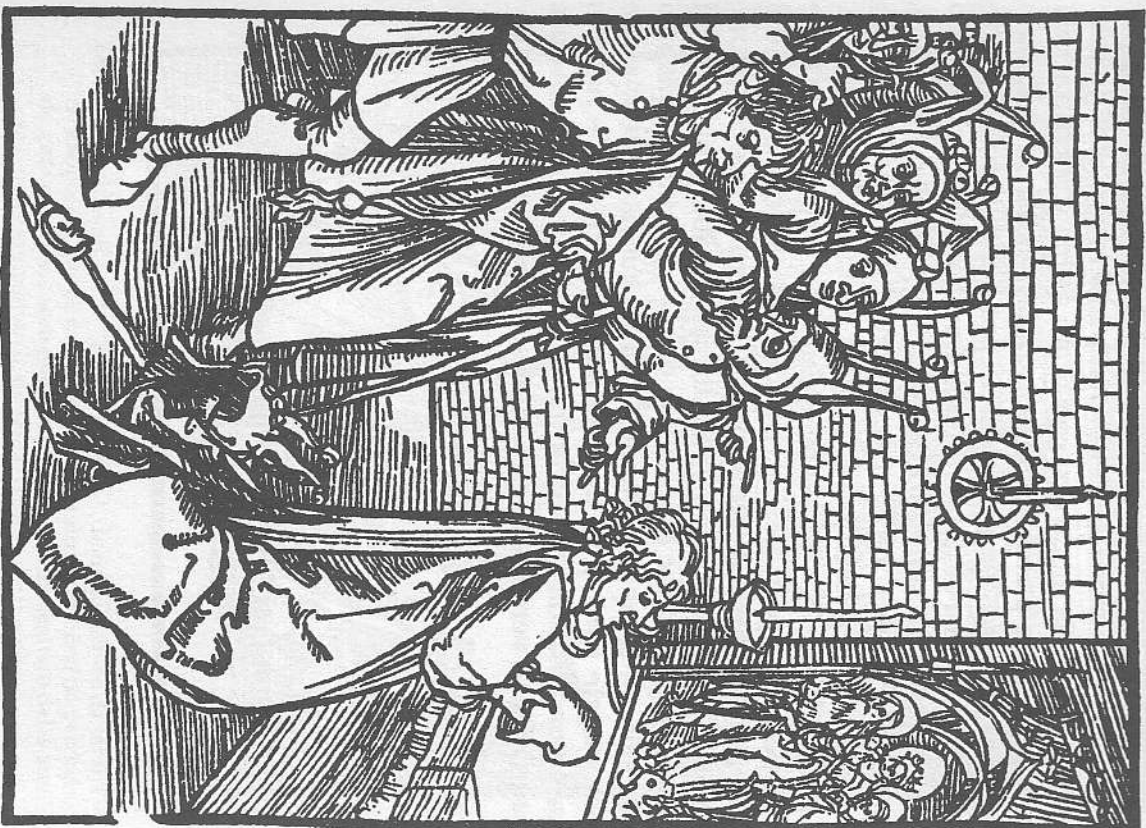


683. O sentido aqui é o de "culpar alguém", distinguindo-se da fábula de Esopo, em que os ratos planejam pendurar um sino no pescoço do gato para que o som os avise do perigo, mas nenhum deles tem coragem de aproximar-se do felino para realizar o plano.

[110]

A muitos foi prazeroso que eu reunisse tantos idiotas, e eles recolheram ensinamentos úteis sobre como afastar-se da insensatez. Por outro lado, outros agastaram-se por pensar que eu me dirigia a eles, mas não têm coragem de falar publicamente, de modo que censuram a obra e penduram no gato o sino que pende de suas próprias orelhas. Um cavalo sarmento não consegue ficar quieto por muito tempo quando é escovado com a almofaca; se alguém atremessa um osso no meio de cães, só o atingido irá gritar. Bem sei que os insensatos lançarão críticas contra mim, dizendo que não estou em posição de admoestá-los e mostrar as falhas de cada um. Cada qual que diga o que lhe aprouver, e se queixe de onde lhe aperta o sapato. Se este livro de insensatos não vos diz respeito, deixai-o de lado. Não peço a ninguém que o compre, a menos que queira usá-lo para tornar-se sábio e tirar, por si mesmo, o gorro, que eu usei por um longo tempo e que não quer sair por completo. Quem reprova o que não entende, que compre este livro, pois dele certamente necessita, e naquilo que entender, cada qual encontrará amor e apreço. Quem ousa contradizer a verdade e anseia por ser sábio é um insensato.

*Seria fácil lidar com a insensatez se também fosse fácil deixar de ser insensato, mas quando alguém se dispõe a tentar a façanha, logo aparecem os empecilhos em seu caminho.*



[111]

#### DESCURPA DO POETA

**E** um néscio e grande insensato aquele que paga os trabalhos antes do serviço concluído, pois muitos evitarão o esforço se não houver a expectativa de futura remuneração. Muito pouco é realizado em troca de dinheiro que já foi despendido e gasto; é lento o avanço da obra que se levanta por pão já comido. Por isso, se me quisessem ter pago com antecedência para que resguardasse os tolos, pouca retribuição eu teria dado, e agora o dinheiro estaria usado e não forneceria mais segurança, pois tudo o que há sobre a terra merece ser considerado como dispartate e insensatez. Se tivesse escrito este livro por dinheiro, muito pequena teria sido minha recompensa e há muito tempo eu o teria abandonado. Mas não o abandonei: escrevi-o para honra de Deus, em benefício de todo o mundo, e não recebi favores ou dinheiro ou quaisquer outros bens temporários. Disso Deus é testemunha. E no entanto bem sei que não haverrei de ficar sem punição pelo meu livro. Dos bons aceitarei as críticas e objeções; perante Deus afirmo que, se no livro houver mentira ou algo que seja contra a Sua doutina, contra a salvação da alma, contra o bom-senso e a honra, suportarei de bom grado o opróbrio. Não quero incorrer em culpa contra a fé, e peço a vós todos que reconheçais minha boa intenção e não a interpreteis como má, ou dela extraias motivo de zanga ou escândalo. Não é tal a minha razão para escrever! Mas sei que sucederá comigo como à flor que abre pétalas formosas e dá à abelha o seu mel, mas depois será visitada pelas aranhas e estas procurarão extrair dela veneno em seu benefício. Também aqui não deixará de ocorrer isso; cada um age de acordo com sua natureza. Se não houver nada de bom dentro de uma casa, não será possível dela tirar nada de bom. Quem não quer ouvir a verdade, irá queixar-se tanto mais de mim, e de suas palavras será possível ouvir que tipo de fanfarrão é. Tenho visto mais de um insensato que se emperna com orgulho, erguendo-se às alturas como os cedros do Líbano, acreditando estar livre da estultícia, mas em breve



desvanece-se sua arrogância e tampouco é possível localizar o lugar onde aquele tolo tem vivido.<sup>684</sup> Aqueles que têm ouvido, que prestem atenção e ouçam! Calo-me, pois os lobos não estão longe.<sup>685</sup> Um insensato fere a muitos antes do tempo e não sabe o mal que lhes causa. Se cada um fosse a espalda do outro, então saberia de suas dores. Quem quiser, que leia este livro de néscios. Eu sei muito bem onde o sapato me aperta, e portanto se ouvir criticarem-me dizendo: “Médico, curai a vós mesmos, pois sois da mesma categoria”, eu o sei e confesso a Deus que cometi muitos contrassensos e faço parte da ordem dos tolos. Por mais que puxe para tirar o gorro dos insensatos, ele nunca me abandona. Mas dediquei grande esforço e seriedade, de modo que eu, como vedes, conheço muito os tolos, e me disponho, se Deus assim o desejar, a melhorar a mim mesmo com o tempo, enquanto Ele me conceder a Sua graça. Que cada qual cuide para não equivocar-se, mantendo junto de si o bordão do tolo, que pode envelhecer em sua mão. Disso resguardem-se todos os parvos! Assim conclui Sebastian Brant, que aconselha a sabedoria a todos, seja quem for e esteja onde estiver. Nenhum bom trabalhador chega tarde demais!

684. Salmos 37, 35-36.

685. Referência a provérbio alemão “Wenn man vom Wolfe spricht, so ist er nicht weit” [“E só falar do lobo que ele já estará por perto”], que corresponde a “Falando do diabo aparece o rabo”.

*Do insensato dei noticia para que todos o reconhecem de imediato. Quem deseja ser sábio e prudente em todas as situações, que leia a meu amigo Virgílio.*<sup>686</sup>



686. Neste capítulo é retomado o poema "Vir bonus", que na época de Brant era equivoacadamente atribuído a Virgílio.

[112]

**U**m homem bom, prudente e sábio, tal como Sócrates, é difícil de se encontrar em todo o mundo, e disso deu testemunho Apolo.<sup>687</sup> Ele é o seu próprio juiz, e onde lhe falta sabedoria, faz minucioso exame de si; não leva em conta o que diz a nobreza e nem os brados da plebe; é redondo como um ovo para que nele não se fixe nenhuma nódoa estranha que tente se impregnar em superfície lisa. Pelo tempo em que o dia se alonga em câncer<sup>688</sup> e a noite cobre o capricórnio,<sup>689</sup> ele reflete e examina para que nenhum ângulo de sua casa o perturbe ou ele expresse qualquer palavra que não seja adequada a todos os lugares, para que não falte o esquadro e não deixe de ser firme o que mediu e para que possa deter com a mão qualquer investida e prontamente desviá-la. Não lhe agrada tanto o sono a ponto de não refletir sobre as ações que realizou ao longo do dia e julgá-las criticamente, avaliando o que poderia ter omitido, o que deveria ter considerado em tempo, o que realizou em momento equivocado. Por que concluiu algo sem que houvesse motivo ou sentido em fazê-lo, perdendo assim muito tempo, por que manteve seu plano ao invés de melhorá-lo, por que descuidou dos pobres, por que seu ânimo foi tomado por tanto sofrimento e aversão, por que iniciou isto em lugar daquilo, por que se violou tantas vezes, colocando o lucro acima da honra, e mentiu com as palavras e com o rosto, ofendendo a dignidade, por que cedeu à sua inclinação natural em vez de submeter seu coração à civilidade? Desse modo ele medita sobre suas obras e suas palavras, do raiar

687. Mediante o Oráculo de Delfos.

688. Câncer corresponde aos meses de junho e julho. No hemisfério norte é a época do ano com os dias mais longos.

689. Capricórnio corresponde aos meses de dezembro e janeiro. No hemisfério norte é a época do ano com as noites mais longas, ocorrendo ali o solstício (a noite mais prolongada) por volta de 21 de dezembro. Religiões pagãs comemoravam esse dia como um momento de vitória do sol sobre as trevas (já que daí em diante os dias começariam a ficar mais longos); mais tarde o cristianismo adotou a data para comemoração do Natal. O pinheiro usado como árvore de Natal simboliza a continuidade da vida (folhas sempre verdes), que vence a morte (neve e frio do inverno no hemisfério norte).



do dia ao anoitecer, examinando as coisas que realiza para aviltar o bom e exaltar o mau. Essa é a maneira de ser do verdadeiro sábio, conforme olouvável Virgílio nos indicou em seu poema. Quem viver desse modo sobre a terra, também irá angariar a graça de Deus, pois terá reconhecido a verdadeira sabedoria, que um dia o conduzirá à pátria no céu. Que Deus nos queira conceder isso prontamente é o que eu, Sebastian Brant, desejo.

*Deo gratias.* <sup>690</sup>

#### FINAL DE A NAU DOS INSENSATOS

**A**qui termina a *Nau dos insensatos*. Que seja de utilidade e sirva de salutar ensinamento, de estímulo à conquista de sabedoria, juízo e bons costumes, assim como à emenda e purificação da insensatez, cegueira, desacerto e inépcia dos homens e mulheres de todas as condições. Composta com particular dedicação, esforço e trabalho por Sebastian Brant, doutor em Direito Civil e Direito Canônico. Impresso na Basileia durante o Carnaval, que os tolos chamam de consagração da igreja, no ano do Senhor de mil quatrocentos e noventa e quatro.

1494

*Nada é sem razão.* <sup>691</sup>

*Jo. B. von Olpe* <sup>692</sup>

690. "Que Deus seja louvado!"

691. Do latim: "nihil sine causa".  
692. Johann Bergmann von Olpe, editor da primeira edição.